

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Amanda Carlsem Vidal

**PUERPÉRIO E MATERNIDADE: DESAFIOS DE MÃES-ESTUDANTES DO CURSO
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

Florianópolis

2023

Amanda Carlsem Vidal

**PUERPÉRIO E MATERNIDADE: DESAFIOS DE MÃES-ESTUDANTES DO CURSO
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Biológicas - Licenciatura do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientadora: Me. Alessandra Collaço da Silva

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Vidal, Amanda Carlsem

Puerpério e maternidade : desafios de mães-estudantes do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina / Amanda Carlsem Vidal ; orientadora, Alessandra Collaço da Silva, 2023. 67 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas,
Graduação em Ciências Biológicas, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Ciências Biológicas. 2. Puerpério. 3. Maternidade. 4. Permanência mães-estudantes. 5. Vulnerabilidade social. I. Silva, Alessandra Collaço da. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Biológicas. III.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Licenciada em Ciência Biológicas e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Biológicas.

Florianópolis, 24 de novembro de 2023.

Professora: Daniela Cristina de Toni, Prof^a Dr^a.
Coordenadora do Curso de Ciências Biológicas

Banca Examinadora:

Doutoranda Me. Alessandra Collaço da Silva
PPGE da Universidade Federal de Santa Catarina
Orientadora

Prof^a Dr^a. Karina Rousseng Dal Pont
Universidade Federal do Paraná

Prof. Me. Victor Anselmo Costa
Universidade Federal de Santa Catarina

Dr^a. Karine Joulie Martins (membro suplente)
Universidade Federal de Santa Catarina

*Dedico essa pesquisa ao meu amor e
inspiração da minha vida, meu Pedro, que
é parte fundamental da
mulher-mãe-estudante que me tornei até
aqui.*

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente ao meu companheiro e pai do Pedro, Matheus, por ser um pai presente, um companheiro admirável, por cumprir seu papel de pai e ser uma fonte inesgotável de apoio durante todo esse processo.

Ao meu filho, e meu amor, Pedro Evilásio, por ter me tornado mãe, ser meu maior motivo de luta e coragem, e me fazer buscar um tema tão necessário.

À minha família, que me acompanha e me apoia desde o início da graduação. Por serem rede de apoio e acolhimento. À minha mãe/irmã Deise, por sempre me apoiar e me empurrar pra frente. Às minhas irmãs Marina e Laura, por aturarem por muito tempo todo o estresse. E às três por cuidarem e enviarem vários vídeos do Pedro, quando eu estava indo para a aula. Ao meu pai José e meu cunhado e pai postiço Jaison, por sempre acreditarem em mim e confiarem no meu potencial.

Às tias Andrea e Luciana, à prima Alice, à avó Madalena e ao avô Evilásio, por todo apoio sempre, por todo cuidado com o Pedro, por em diversas enxugarem minhas lágrimas e me encorajarem por ele e por mim, a seguir em frente.

À minha comadre e amiga, Josi, por sempre me incentivar e dizer palavras de apoio, todas as vezes que me percebia desmotivada.

Às minhas amigas e colegas de graduação, principalmente Mariana e Luana, por toda parceira e preocupação.

À minha orientadora Ally Collaço, que muito além de orientadora, foi um braço de apoio na minha formação materna, me encorajando em muitos momentos de incertezas e inseguranças.

Às mulheres-mães-estudantes que se dispuseram a expor suas histórias nas cartas, vocês foram corajosas e fundamentais para essa construção.

À Universidade Federal de Santa Catarina por proporcionar uma formação gratuita e de qualidade.

RESUMO

A pesquisa retrata realidades distintas de mães-estudantes diante dos desafios enfrentados, na conciliação das atividades acadêmicas e maternidade durante a graduação. A pesquisa articula o relato pessoal da autora, as cartas das mães-estudantes e se aprofunda em três aspectos principais: amamentação, saúde mental e rede de apoio. As cartas apresentadas nesta pesquisa foram escritas por mães-estudantes do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina, onde são abordadas vivências maternas dentro da Universidade, logo no puerpério e também ao decorrer de suas maternidades. As cartas trazem aspectos, que quando analisados, demonstram que dificultam o seguimento das atividades acadêmicas logo após o nascimento dos filhos. Além de trazer uma reflexão quanto à permanência de mães-estudantes na Universidade num contexto de vulnerabilidade social.

Palavras-chave: Maternidade; Permanência; Vulnerabilidade Social.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. RELATO DE EXPERIÊNCIA - MEU PUERPÉRIO E O RETORNO ÀS ATIVIDADES ACADÊMICAS.....	13
1.1 Amamentação: nosso processo.....	16
1.2 Atividades acadêmicas: prazos a serem cumpridos.....	18
1.3 Suporte da Universidade: ele existe?.....	21
2. VIVÊNCIAS E PARTICULARIDADES NA SINGULARIDADE DE CADA MATERNIDADE.....	23
2.1 RETORNO DAS CARTAS.....	25
2.2 DESAFIOS EM COMUM: MEU RELATO E AS CARTAS.....	33
2.2.1 Saúde mental.....	33
2.1.2 Amamentação.....	37
2.2.3 Rede de apoio.....	41
2.2.4 Vulnerabilidade social.....	46
2.2.5 Manutenção de vínculo com a UFSC.....	50
2.3 Visibilidade da cientista mãe.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.....	63

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Anexo carta enviada às estudantes.....	21
FIGURA 2 - Post Instagram.....	53
FIGURA 3 - Relato de estudante-mãe.....	54

INTRODUÇÃO

Engravidei sendo estudante durante uma pandemia, em 2021, quando em meio a muitas dificuldades, enfrentadas por muitas pessoas devido ao distanciamento presencial de suas atividades, me mantive regular na graduação em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Santa Catarina, por ensino remoto.

Em um primeiro momento, devido aos níveis de oscilações hormonais, foi bastante desafiador lidar com a demanda de solicitações de todos os textos a serem lidos das poucas disciplinas que eu estava cursando, um sono persistente e um cansaço descomunal. Entre idas e vindas em um projeto de trabalho de conclusão de curso, comecei a divagar pelo assunto que me interessava naquele momento: gravidez, parto e puerpério. Quanto mais adentrava nesses assuntos, mais pertinente era meu interesse, por estar vivenciando uma etapa daquele processo, no momento, de gestar. Com as dificuldades de acompanhar as demandas do semestre, enquanto gestante, por necessitar de repouso, foi possível aprofundar muitas leituras.

Lendo como seria a vida após o nascimento do meu bebê, como descrito em grande parte das literaturas, o desafio do puerpério causava bastante insegurança quanto a tudo que estava por vir. Laura Gutman (2014, p.34), diz que para se transformar em “mãe-bebê” é preciso enlouquecer, abandonar sem risco o mundo racional, as decisões lógicas, o intelecto, as ideias, a atividade, os horários, as obrigações, é necessário “submergir nas águas do oceano do recém-nascido”.

Durante a gestação, as demandas acadêmicas não cessavam, mesmo que em ensino remoto, era um processo muito exaustivo de prazos e entregas. Logo comecei a pensar a respeito de como se daria os desdobramentos da minha vida acadêmica após o nascimento do meu filho, sabendo que a licença-maternidade dá direito ao regime domiciliar.

A ideia era fazer uma pesquisa sobre como foi esse processo com outras mulheres, que também foram mães na graduação, já que eu não conhecia outras pesquisas sobre esse assunto, relacionadas às estudantes de Ciências Biológicas com a maternidade. Conhecendo algumas mulheres que viveram essa realidade, questioneei sobre o interesse de participarem de uma pesquisa que abordasse esse tema, e em paralelo, eu cursava uma disciplina em que foi apresentado um trabalho que utilizou como metodologia, a escrita de cartas, e conforme li aquele documento,

me senti de fato, entendendo, enxergando a realidade de cada pessoa autora, cada sentimento, cada expectativa, cada frustração e cada felicidade.

Como descrito por Laura Gutman (2014), o puerpério é abdicar do mundo da realidade para enxergar o mundo pela ótica do bebê. Tornar-se mãe é enxergar suas vulnerabilidades, para que não sejam reflexos na vivência do corpo frágil do recém-nascido. Ela define: a maternidade é encarar a própria sombra.

Esse processo me pareceu, naquele momento, ser de uma sensibilidade imensa, uma vulnerabilidade de despir-se de si. Aprofundando as ideias sobre a maternidade como objeto de pesquisa, me interessei por saber como se deu essa vivência ao retorno acadêmico de uma maneira bem pessoal, de cada mãe que fosse participar da pesquisa, e por que não utilizar daquela metodologia tão cativante, de leitura fluida, fugindo dos padrões de uma entrevista semi-estruturada, a escrita de cartas, tendo como referência o trabalho apresentado na disciplina em que eu estava cursando, que utilizou desse recurso para abordar a vivência de professores de biologia em tempos de pandemia.¹

A escrita das cartas foi impulsionada por uma carta convite, mas que deixasse aberta a escolha sobre como discorrer a respeito dessa vivência de retornar ao meio acadêmico enquanto mãe, diante de todos os desafios que a maternidade por si só já traz, mas como se deu a conciliação da demanda materna com a demanda acadêmica. Dessa forma, com esta metodologia de abordagem, cada mãe pôde se sentir à vontade sobre o que gostaria de compartilhar para a construção dessa análise.

Cada etapa dessa construção foi realizada em momentos em que eu também vivia essa realidade. E acredito que conforme se vive a realidade, é possível que seja mais percebida, o fato de “sentir na pele”.

Quando se é mãe de um bebê, o retorno presencial das atividades têm alguns fatores, que por vezes, se tornam dificultadores do processo, como deslocamento, horário de saída, horário de retorno, não sendo somente o tempo da atividade, mas todo o tempo desse percurso. A ideia de que o ensino remoto seja eficaz no período puerperal é equivocada, pois mesmo que em um ambiente mais aconchegante, sem as dificuldades de deslocamento, por exemplo, as atividades remotas ainda exigem

¹ GOMES, Marília Antunes. **Cartas sobre a docência em ciências e biologia em tempos de confinamento**. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 47. 2020.

um tempo de dedicação exclusiva, e de que forma se dá exclusividade quando todo o tempo, energia, atenção são dedicados ao bebê? O que sobra é exaustão, insegurança e privação de sono. Ainda assim, as demandas não cessam, as entregas precisam ser feitas e os prazos, por mais que estendidos, precisam ser cumpridos.

Desde 1975² é assegurado por lei, que a estudante gestante tenha direito ao regime de exercícios domiciliares, por um período de 120 dias. Essa é uma realidade a que muitas estudantes se submetem, diante de diversos motivos que não possibilitam o afastamento da universidade por um período. A partir das cartas e do meu relato pessoal, busquei argumentar a respeito das dificuldades tanto do retorno acadêmico remoto - se pode ser chamado de retorno, quando não há essa pausa - e o retorno acadêmico presencial, ao fim da licença-maternidade, sobre questões relacionadas à amamentação, saúde mental, rede de apoio e vulnerabilidade social.

Como defendido por Vanessa Silva (2023, p. 14), “o acesso, a permanência e a conclusão com qualidade na trajetória acadêmica deve ser um direito de todas as mulheres que sejam ou se tornem mães na Universidade”.

Esta pesquisa tem como recorte mães-estudantes do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina. A partir de cartas e relatos de experiência com autoria dessas mães-estudantes, busquei argumentar pontos em que mudanças se fazem necessárias, para que a Universidade seja um espaço de visibilidade e acolhimento, sendo possível a permanência e continuidade de mães no ambiente acadêmico.

² LEI Nº 6.202, DE 17 DE ABRIL DE 1975.

1. RELATO DE EXPERIÊNCIA - MEU PUERPÉRIO E O RETORNO ÀS ATIVIDADES ACADÊMICAS

Me chamo Amanda e sou autora desta pesquisa. Quando descobri a gestação em setembro de 2021 ainda estávamos em ensino remoto na UFSC, por causa da pandemia por coronavírus, e eu estava num processo de escrever um projeto de TCC junto com um desânimo que acometeu muita gente naquele momento de pandemia. Comecei a pesquisa sobre permacultura, e entre enjoos, sonolência e sangramentos, fui desistindo aos poucos. Deixei para o próximo semestre. Acho que talvez tenha sido um pouco hormonal, não sei bem explicar quais eram as sensações nesse período, mas sentia zero vontade até de pensar.

Fui estudando e seguindo em outras disciplinas, quando em certo momento foi apresentado na disciplina de Metodologia em Ensino de Ciências uma pesquisa, um TCC - Trabalho de Conclusão de Curso, em que o objeto de estudo eram cartas escritas por professores durante a pandemia, que tiveram que se adaptar a essa nova realidade. Fiquei bastante tempo com aquele pensamento na cabeça, sobre o quão enriquecedor foi ler aqueles relatos e analisar por várias perspectivas a situação do ensino.

Eu estava no meio da gestação, e naquele momento, lendo e estudando sobre parto e puerpério, me sentia despreparada e desesperada.

Lendo sobre como seria a vida depois do nascimento do meu filho, fiquei analisando como seria minha vida no âmbito acadêmico, e então surgiu a ideia de fazer uma pesquisa sobre como era esse processo para outras mulheres que também foram mães durante a graduação, do mesmo curso que eu, de certa forma, são pessoas que estão mais próximas, e imaginei que seria um recorte legal, daí em diante começamos essa jornada, que tem me trazido muito aprendizado, principalmente quanto à maternagem.

Pedro, que é como se chama meu filho, nasceu no semestre 2022.1, bem no finalzinho dele, eu estava cursando duas disciplinas, ainda em ensino remoto, pois já havia voltado o ensino presencial, mas eu mantive remoto, por ainda ser muito recente a pandemia e por estar nas últimas semanas de gestação, me organizei para que pudesse ficar sem muita demanda para quando ele nascesse, e assim fiz.

Pouco antes de 38 semanas, encontrei pela primeira vez minha orientadora, já estava com contrações de treinamento, com medo, e muito insegura quanto ao

parto, acho que é normal também, quando vai chegando ao fim da gestação, pois essas coisas acometem a cabeça da gente, né? Fui lendo mais sobre, mas não consegui produzir muito, pois a gravidez foi um processo difícil e o fim dela não foi diferente. Pedro nasceu exatamente com 39 semanas, em um parto natural, com duração de 5 horas e 40 minutos, respeitoso e pelo SUS, (viva o SUS!). Primeiras noites no hospital, com privação de sono, desconforto e muitas demandas de uma recém mãe, o meu maior desejo era ir para casa.

Como a amamentação é complicada, a gente tende a pensar que é algo intuitivo, que funciona, natural, afinal, mamíferos amamentam, somos animais mamíferos, quem dera fosse! Fissuras, pega incorreta, preocupação com a quantidade de leite, baixa lactação, alta lactação, drenar o leite, bombinha, mão, bebe líquido, pega sol, lágrimas e sangue. Isso durou para mim, uma semana, depois as coisas foram se ajustando. Além da amamentação, outra coisa bastante difícil foi lidar com os comentários e palpites. Que vontade de mandar todo mundo desaparecer, e ao mesmo tempo, que medo de ficar sozinha e não dar jeito em nada. Vontade de engolir o bebê. Deve ser a ocitocina cumprindo seu papel, mas aprendi que é só colocar a culpa nos hormônios.

Algumas visitas eu tentei driblar, não estava afim, algumas eu quis receber e algumas outras recebi porque não tinha para onde correr, mas a realidade é que na grande maioria dos casos, a recém mãe quer estar acolhida por pessoas próximas, ter alguém de confiança para conversar, alguém que ampare, que acolha, sem julgamentos. Hoje talvez ao longo da escrita dessa pesquisa, tenha aprendido bastante coisa e possa olhar as situações que vivenciei ao longo desse período de outra forma. Se eu pensar e pontuar, também teria agido de outra forma, talvez, não posso dizer ao certo, porque hoje, vários meses depois eu me sinto acuada em muitas situações e sem voz. É difícil viver a maternidade e conseguir se posicionar, ainda estou vivendo esse processo de recém mãe que não sabe de nada, aos olhos de muitos.

Os sentimentos se misturavam e fiquei na casa da minha mãe até o 20º dia pós parto, e depois quis ir para casa. Nesse tempo que fiquei na casa da minha mãe, o Pedro chorava algumas noites inteiras, mas estava tudo bem, porque durante o dia enquanto ele dormia, eu conseguia dormir, não precisava me preocupar com os cuidados com as roupas dele, nem como ou com o que eu ia comer. Se eu quisesse ir ao banheiro, sempre tinha alguém que ficasse com ele, essa é a rede de

apoio que a gente sente muita falta quando fica sozinha com o bebê. Deixei meu projeto de TCC bem encaminhado para fazer algumas finalizações, referenciar e formatar, e fui fazendo aos poucos, quando o meu companheiro, e pai do Pedro, Matheus, estava em casa, e cuidava dele nesses momentos, eu parava alguns momentos para amamentar, para descansar, mas estava tranquilo.

Fui para casa, e o Matheus estuda durante a semana, e aos finais de semana ele trabalha, então durante a semana por alguns dias, eu fiquei sozinha com o bebê. Nesses dias em casa, só eu e ele, os dias pareciam ter 100 horas, eu sentia que minha vida estava desmoronando, ele chorava a noite inteira. Visitas frequentes ao pediatra, e eu não conseguia nem fazer xixi, quando estávamos em casa só eu e ele, incontáveis vezes parei o banho na metade para acalmá-lo, que ficava aos prantos quando eu me ausentava.

Os sentimentos se misturavam demais, pensar em escrever qualquer coisa, ler qualquer coisa da faculdade naquele período estava fora de cogitação, meus olhos se mantinham abertos por pura necessidade de cuidar do bebê, muitas vezes aos prantos. Usei o Instagram³ como rede de desabafo⁴, fazendo desse ambiente um espaço de diário:

“Não sei qual o motivo, mas sempre usei mais o Instagram para falar das coisas que me machucam do que das felicidades, não sei se é por me sentir tão frustrada com a vida de vitrine que todo mundo posta. Não falei nada sobre o quanto tem sido difícil a minha vivência particular com a maternidade. Pedro não estava nos meus planos, não foi mil maravilhas no começo, aceitar o que por um descuido meu estava acontecendo, não tem sido mil maravilhas ainda hoje. Pedro me ensina, todos os dias, que mesmo quando não se aguenta mais o peso do próprio corpo, existe um amor e uma força, que vem sei lá de onde, que te faz levantar a cabeça e sorrir e embalar e cantarolar e acalmar o pacote tão pequeno que tu carrega no braço e te olha com os olhinhos arregalados. Pedro me tira o sono, sem nem chorar, só em se mexer, meu cérebro já desperta, pra cuidar e proteger.

³ O Instagram é uma rede social em que é possível compartilhar conteúdos através de publicações de mídia, onde é possível que o usuário interaja com outros usuários com comentários e reações.

⁴ Texto compartilhado em 18 de setembro de 2022. (Pedro estava com 3 meses).

Pedro me faz ficar cansada, muitas vezes perdida, Pedro me faz encher os olhos de lágrimas quando sorri. Pedro me faz priorizar coisas que antes não faziam sentido, e deixar de lado meu próprio umbigo. Pedro me ensinou e me ensina todos os dias que a vida vai além do que eu sempre achei que fosse. Pedro me faz renascer todos os dias, chorando eu escrevo isso, porque um dia li num livro que a maternidade me faria enfrentar minha própria sombra, e isso tem aparecido aqui, sem anestesia, escancarado, e eu preciso enfrentar, e sorte minha ter Pedro ao meu lado. Pedro é mais do que um sonho, Pedro agora é a minha realidade, o tesouro mais precioso, meu coração fora de mim, sorte minha em ter Pedro, para enfrentar o mundo e me fazer mais forte, cada dia mais. Obrigada por me escolher, Pedro. Um dia, se leres isto, apesar de todas as angústias, és o norte da minha vida. Você multiplicou por um milhão de vezes todo o amor que já senti no mundo."

Esse foi um dos desabafos que escrevi num post, e acho que resume bem esse misto de sentimentos, de sentir amor, exaustão, medo, solidão (não no sentido de presença física de pessoas), e diversas vezes me perguntava onde estava? o que eu estava fazendo? E essas questões ainda são pertinentes em alguns momentos.

Até o começo do próximo semestre muita coisa não mudou, não lembro exatamente se foi final de julho ou começo de agosto de 2022. Quando voltou o semestre, já tínhamos retornado ao ensino presencial, porém naquele momento era impossível eu ir para a aula, mesmo tendo pego somente uma disciplina. Tínhamos alguns diagnósticos, alergia a proteína de leite de vaca, baixa produção de leite e aqui vou abrir parênteses e falar sobre isso.

1.1 Amamentação: nosso processo

Para uma mulher que planeja e estuda sobre parto, sobre amamentação, é muito sabido os benefícios de um parto natural, sobre a amamentação exclusiva e imediata pós parto. Eu desejei imensamente um parto normal, não sei se natural,

mas queria que as coisas acontecessem de uma forma pacífica tanto para minha vivência, quanto para a chegada do meu bebê, no tempo dele, da maneira que escolhesse vir ao mundo, esperei e pesquisei muito sobre onde ir quando entrasse em trabalho de parto, para que seguisse uma linha mais humanizada. Eu me exercitei, tive os cuidados e fiz o que foi possível dentro da minha realidade, e não por mérito ou algo do tipo, mas meu corpo correspondeu a essas expectativas e tivemos um parto de acordo com o que havíamos planejado, mas da mesma forma que planejei um parto humanizado, planejei uma amamentação exclusiva, com leite em abundância.

Assim, as pessoas nunca acham que a mãe é suficiente, ou que faz o bastante, milhares de palpites e sugestões, que nas melhores das intenções ou não, em grande maioria servem para desrespeitar e inferiorizar as escolhas maternas quanto aos cuidados com o próprio filho, que aquela mãe pariu, e assim foi com a amamentação, no nosso caso, também posso dizer que o mesmo aconteceu com o parto, onde eu ouvia comentários: “ah não, não vai dar jeito, és muito pequena. “ “já com esse prazo? tua barriga está muito alta, vai ter que marcar cesárea.” “tola, para que esperar, marque logo a cesárea, não sente dor.”, mas quanto ao parto acho que meus hormônios ainda não haviam me deixado tão fragilizada. Mas a amamentação foi difícil, eu realmente não tinha grande produção de leite, não era aquela coisa que ficava vazando leite pela blusa, o pediatra disse que possivelmente ele chorava de fome, que choque imenso foi aquilo, “como chora de fome, se mama em livre demanda?”, engordou menos de 10g por dia, o que se espera que seja 20/25g. Comecei a tentar extrair leite com bombinha, mas zero, a produção secou, começamos a oferecer fórmula com a colher dosadora, e eu com muito medo de que o Pedro não quisesse mais mamar. Ele não tomava a fórmula de jeito nenhum, diante de várias tentativas, da mesma forma que mamar parecia ser uma tortura. Idas ao pediatra, seguidas, “talvez seja alergia a proteína do leite de vaca”, iniciamos a dieta, sem melhoras.

Fomos a uma consultora de amamentação, e na análise da pega e do fluxo, ela me disse que estava tudo certo e que meu filho não chorava por fome. “Que alívio!”. A culpa materna saiu de mim, um pensamento de ser insuficiente para meu filho foi acalmado por um momento. Em um domingo, chorando por 4 horas aos gritos, sem pausa, muito desespero! Fomos mais uma vez ao pediatra, e conversamos sobre uma hipótese levantada na consultoria: refluxo. Usamos alguns

métodos físicos já conhecidos: levantar travesseiros, deixar o corpo na vertical depois que mamasse. Iniciamos então o tratamento com omeprazol, sucralfam e algum outro medicamento que não me recordo, mas aos 4 meses de vida, Pedro foi melhorando.

1.2 Atividades acadêmicas: prazos a serem cumpridos

Enquanto enfrentava os desafios da amamentação, tive também que lidar com a matéria que estava cursando na graduação. Não havia a possibilidade de trancar a faculdade, por ser bolsista⁵ PRAE⁶ isso não é uma coisa que estava em cogitação, inclusive adiei o TCC e tive que justificar para não perder a bolsa, porque estava com a carga horária menor do que a mínima, como se por si só, um bebê de 4 meses não fosse suficiente, e só consegui manter a bolsa por causa da oferta de algumas disciplinas serem somente anuais, e o pai do Pedro também trancar não iria fazer muita diferença, porque o bebê só mamava, e eu não tinha grande produção para deixar leite estocado.

Expliquei ao meu professor a situação, que inclusive foi bastante compreensivo, e não cobrou presença nas aulas, e eu ia somente realizar as provas presencialmente. Realmente não sobrava tempo para estudar, as sonecas do Pedro eram extremamente curtas, as noites muito cortadas em despertares desesperados, eu estava exausta demais para estudar nesse meio tempo, e as pessoas da minha rede de apoio também não podiam fazer muita coisa, cada pessoa tem sua vida e seus compromissos. A vida não parou, e aos finais de semana o Matheus ainda trabalhava.

No dia antes de alguma prova que eu tinha, o Matheus não ia para a aula, e eu ficava o dia inteiro estudando, inteiro mesmo, e aí íamos umas 16h para eu realizar a prova às 18:30h. Nós íamos de carro, pra eu terminar e voltar logo, ou íamos de ônibus, pois moramos em Paulo Lopes. O ônibus sai da nossa cidade às 16:30 horas e volta às 22:00 horas, passando por todas as instituições possíveis no caminho.

⁵ O Programa Bolsa Estudantil-UFSC visa proporcionar auxílio financeiro aos estudantes dos cursos de graduação que se encontram em situação de vulnerabilidade socioeconômica, devidamente comprovada, para a sua permanência na Universidade.

⁶ PRAE (Pró reitoria de Permanência e Assuntos Estudantis), é uma instituição executiva central da Administração Superior da Universidade Federal de Santa Catarina, criada com as funções de implementar e gerenciar programas e projetos voltados à política estudantil.

Na primeira prova levamos o Pedro, e os dois ficaram do lado de fora pra eu realizar a prova, que era em equipe, dividida em três etapas. Fiz a primeira etapa, e só ouvia o choro alto e desesperado do meu bebê, saí e amamentei. Voltei para a prova, e ele começou outra vez. Pedi licença e fui embora, chorando de culpa, por tudo, por ter tido que largar ele para fazer a prova, por ter deixado a prova inacabada.

Nas provas seguintes, conforme ele foi crescendo, ele ficava com as tias do Matheus e minha mãe, em uma força tarefa entre deixar ele sempre ocupado e ficar trocando de colo, para que não sentisse minha falta. Não sabíamos com quem ele ficaria melhor, então ficou com todo mundo. Tomou leite na colher dosadora, e fui aos prantos no carro para a universidade. E em ambas as situações a experiência foi péssima. Mas no fim, apesar de tudo, consegui concluir essa disciplina, mesmo sabendo que no próximo ano teria pouquíssimas matérias para terminar e teria que me acostumar com a ideia de ir deixando ele aos poucos, por alguns momentos, aos cuidados de outras pessoas.

Durante as férias não me preocupei muito com nada relacionado à faculdade, ia lendo materiais para o TCC, e alguns deles me ajudaram de forma pessoal, quanto à minha maternidade.

E as coisas foram se ajeitando à medida que o tempo foi passando, trago outro desabafo⁷ do Instagram:

"Hoje enquanto te fazia dormir, encostei a cabeça no teu peito, e teu coração tava lá, batendo, meu som preferido, no mundo todo. E um filme passou na minha cabeça, 13s e 6d de gestação, aquele sangramento horrível, a certeza que tu já não estava mais ali, e eu lembro do nó na garganta, ouvir teu coração no exame, e daquele momento em diante, cada dia que passava que tu continuava ali, crescendo, era a alegria da minha vida. As vezes eu ando exausta, penso o que fiz da minha vida? Não vou dar jeito nisso, acho que todo mundo pensa. E cá estou, dando jeito, sendo chata e brigona, discutindo com todo mundo para que não comas açúcar e nem sal, lavando fralda de

⁷ Texto publicado em 11 de fevereiro de 2023. (Pedro estava com 8 meses).

pano com cocô porque quero te ensinar a lutar por ideais que eu defendo e acredito e também chorando porque parece que teus dentes vão nascer e isso é sinal de que estás crescendo. Quero nem pensar quando em breve começares a dizer: sai mãe, não sou mais bebê. Agora tu é a minha pessoa preferida no mundo, teu coração é meu som preferido no mundo, a cor dos teus olhos é a minha cor preferida no mundo. Tu é o amor da minha vida."

Agora já conseguia me posicionar um pouco mais, perante aos palpites e comentários desnecessários que recebia, e já conseguia analisar situações que pareciam que iam me enlouquecer, mas depois respirava e via que era uma situação pontual.

Pedro está com 10 meses, e as coisas ainda não são fáceis, eu e o Matheus continuamos dividindo a mesma jornada, ele estuda de manhã e de tarde, e em alguns dias somente um período, eu estudo todos os dias, exceto nas quartas, e faço estágio obrigatório às terças e quartas de manhã. Pessoas próximas cuidam do nosso filho enquanto a gente fica fora, e tentamos ao máximo dividir os turnos para que precise dos outros o mínimo possível, porque é difícil também depender de pessoas, e parece que quando a gente precisa, a gente acaba compartilhando demais da vida, coisas que não queríamos compartilhar.

Em resumo é isso, o tempo que não estou com o Pedro, estou na aula ou no estágio, e a faculdade demanda atividades fora do horário da sala de aula, e eu percebo que em casa, quando estou com muita coisa para fazer da faculdade, eu quero que o Pedro se distraia com brinquedos, com atividades, e assim que consigo distraí-lo, saio correndo para escrever, ler, fazer alguma atividade, porque tenho muitos prazos a cumprir.

Mas se eu sento e abro o notebook, ele vem atrás chorando, querendo atenção. Conforme fui estudando, aprendi que o bebê precisa de um tempo de dedicação exclusiva, para o seu desenvolvimento, sem preocupações da mãe enquanto estão fazendo alguma brincadeira, sem ficar checando e-mails, lendo textos, resolvendo várias coisas, mas sim, uma pausa, de fato, presente naquele momento, interagindo e vivendo a experiência que o bebê naquele tempo, do agora. Quando se dedica esse tempo exclusivo, a brincadeira se torna mais interessante

para eles, onde a brincadeira favorita é a atenção e o carinho da mãe e o brinquedo favorito é o cabelo dela, e a voz que fala e canta músicas. Demorei para entender isso, queria que ele entendesse que tenho prazos, que preciso fazer as coisas, mas quem tem que entender sou eu. A gente deseja que os bebês se adequem a nossa realidade, acelerada, de querer tudo pra ontem, e se sente frustrada quando não acontece, mas na realidade deveria ser ao contrário, nós, pais, nos adequarmos a vida do ser humaninho que acabou de nascer e está descobrindo o espaço em que vive.

1.3 Suporte da Universidade: ele existe?

A universidade não dá apoio às mães, nem quando os filhos são recém-nascidos. Continua o mesmo plano de ensino, cheio de prazo e atividades, com regime domiciliar. O que é oferecido e pouquíssimo divulgado é uma secretaria de apoio à amamentação, que na realidade de prazos e filhos para cuidar, não se tem tempo para visitar uma sala minúscula no meio do campus, e quando necessário levar o filho para aula, os centros não contam com banheiro com fraldário (com poucas exceções) atendendo as necessidades básicas das mães. Quando for necessário faltar ou pedir mais prazo, existem ainda professores que dizem: “ah ok, entendo, mas tenho que seguir os mesmo critérios com todos”, desconsiderando tudo o que demanda um bebê, que por muitos motivos pode acarretar em faltas, e/ou atrasos. Na minha opinião, a UFSC não apoia estudantes com filhos.

Eu soube do Serviço de Apoio à Amamentação por um trabalho de conclusão de curso de uma colega⁸ também da Biologia, bastante interessante, que conta com diversos materiais para que se torne viável a continuidade da amamentação com o retorno à UFSC, contando inclusive com grupo de apoio, onde se trabalha essa questão de retorno ao estudo/trabalho, armazenamento de leite, e coisas nesse âmbito.

Esse processo de concluir a graduação nesse momento, só é possível por causa da rede de apoio, que no meu caso, são pessoas da família que cuidam do

⁸ SOARES, Isadora de Souza. **Percepção de trabalhadoras celetistas acerca do impacto do término da licença-maternidade na continuidade do aleitamento materno exclusivo**. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p.68. 2022.

bebê até eu ou o pai dele chegarmos em casa. O tempo que não estou com o Pedro é somente o tempo que estou na UFSC ou no estágio, como disse antes, o pai dele estuda e trabalha aos finais de semana. Como os horários se sobrepõem no deslocamento de ir e voltar da UFSC, ainda precisamos de outras pessoas para que nos auxiliem com esse cuidado, por em média 4h/dia. A situação atual é bastante pesada e improdutiva, porque o que é produzido na universidade e para a universidade, vai além do tempo em sala de aula, é preciso se dedicar, estudar e produzir também fora dos horários de aula, no caso, e nesses horários não contamos com apoio, o que tem dificultado bastante, principalmente o meu desenvolvimento com o meio acadêmico, tendo em vista também a demanda, de somente a carga horária mínima obrigatória, sem nenhuma atividade extracurricular, como monitoria, bolsa de extensão. As situações de creche na minha cidade são prioritariamente para mães que trabalham em horários que o filho esteja matriculado, como meu curso é noturno, na maior parte da grade, uma vaga é inviável, devido a lista interminável de espera.

2. VIVÊNCIAS E PARTICULARIDADES NA SINGULARIDADE DE CADA MATERNIDADE

Ao longo da vida, em diferentes contextos e momentos, sempre usei a escrita como um desabafo, uma maneira que sentia-me à vontade para me expor e desabafar sobre mim e para mim mesma, e na maternidade não foi diferente, durante a gestação sentia vontade de escrever sobre as sensações, sentimentos, devaneios e também sobre como me sentia nessa posição de estudante-gestante-mãe. Em meio às redes sociais, muito lê-se relatos, desabafos, e em conversa com uma amiga estudante-mãe da Biologia, falei sobre a ideia de buscar uma metodologia onde pudesse ter como enfoque principal da pesquisa as experiências relatadas por estudantes-mãe que vivem e viveram as realidades de ser/tornar-se mãe enquanto estudantes, relatando os desafios, principalmente na fase puerperal.

Até então eu tinha uma ideia engessada sobre como deveria ser a construção de um trabalho de conclusão de curso, como um relatório de laboratório, experimentos, desenvolvimentos, materiais e métodos. A biologia por si só, tem muito disso, quando foi apresentado, em uma disciplina da graduação, um trabalho de conclusão de curso onde o instrumento metodológico era a cartografia.

A cartografia se apresenta como valiosa ferramenta de investigação, exatamente para abarcar a complexidade, zona de indeterminação que a acompanha, colocando problemas, investigando o coletivo de forças em cada situação, esforçando-se para não se curvar aos dogmas reducionistas. Contudo, mais do que procedimentos metodológicos delimitados, a cartografia é um modo de conceber a pesquisa e o encontro do pesquisador com seu campo.

(Romagnoli, 2009, p. 169)

Para Virgínia Kastrup e Escóssia Passos (2013), a cartografia vai além da representação gráfica de mapas, ela adentra o domínio da significação e experiência humana no espaço, destacando a importância de compreender as narrativas culturais e sociais. Assim, as autoras trazem que a cartografia convida a uma reflexão mais profunda sobre a interconexão entre espaço, cultura e subjetividade.

O interesse por novas metodologias têm sido uma ruptura com o modelo de entrevistas estruturadas, com um roteiro específico, que segue um protocolo em busca de respostas, buscando dessa forma outros conhecimentos e maneiras de expressar o que se tem a dizer. (Barzano, 2020, p.377).

O percurso deste trabalho se dá nessa pesquisa pela escrita de cartas. Para Marília Gomes (2020, p.12), a carta pode ser vista como um registro de ideias, sentimentos, denúncia, memória, história, sendo assim, identifiquei-me com a ideia inicial do projeto, que fosse um relato pessoal de acordo com as vivências únicas, na individualidade de cada mãe.

Dessa forma optei por convidar mães-estudantes acadêmicas do curso de ciências biológicas para serem autoras de cartas, que se tornam relatos de experiências, para a partir disso se construir uma fundamentação na relação da maternidade, e dos desafios ao retorno acadêmico no período puerperal, com a seguinte carta convite:

Para estydanete-mãe,

OLÁ, ME CHAMO AMANDA, SOU ACADÊMICA DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, E EM MEU TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO, PRETENDO FALAR SOBRE O PUERPÉRIO, DELIMITAR ESSE PERÍODO QUE NÓS MULHERES PASSAMOS APÓS PARIR.

NO INÍCIO DA MINHA GESTAÇÃO, SOU MÃE DO PEDRO COM X MESES, PENSEI BASTANTE SOBRE O QUE ESCREVER E SOBRE COMO ME ANIMAVA LER E ENTENDER SOBRE A MATERNIDADE, O PERÍODO QUE VIVERIA EM BREVE (E AGORA ESTOU VIVENDO), O PUERPÉRIO. ALGUMAS PESSOAS DELIMITAM O PUERPÉRIO COMO 40/60 DIAS PÓS-PARTO, PERÍODO ONDE OS ÓRGÃOS FISIOLÓGICAMENTE RETORNAM PARA SEUS RESPECTIVOS LUGARES. MAS PODEMOS TRATAR O PUERPÉRIO COMO O PUERPÉRIO EMOCIONAL, ESSE NASCIMENTO EXTERNALIZADO DE UM BEBÊ FORA DA BARRIGA, QUE REQUER CUIDADOS PARA VIVER E SOBREVIVER, E ESSA MÃE RECÉM-PARIDA, QUE TAMBÉM REQUER CUIDADOS, QUE AINDA VIVE.

ESSA É A APRESENTAÇÃO DO MEU TEMA, DE MANEIRA TOTALMENTE PESSOAL E SEM NENHUM REFERENCIAL, PONDO E EXPLICITANDO DÚVIDAS. O FOCO DO MEU TRABALHO É PODER DISCORRER SOBRE O PUERPÉRIO E O RETORNO AS ATIVIDADES ACADÊMICAS, DE GRADUANDAS DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS. DESSA FORMA, DEIXO ABERTO ESSE CONVITE, PARA SEU RETORNO, CONTANDO UM POUCO COMO FOI ESSE PERÍODO PUERPERAL, COMO ESTÁ SENDO, QUAL A SENSACÃO DE RETORNAR, QUAIS SENTIMENTOS PAIRAVAM NA CABEÇA E O QUE AFLIGIA O CORAÇÃO, SOBRE O RETORNO E SENTIR-SE PRIORIDADE, ALEGRIAS, FELICIDADES, MEDOS E ANSEIOS, SOBRE O QUE QUISER DIZER SOBRE ESSE PERÍODO, QUE FOI E É ÚNICO, PARA CADA UMA DE NÓS, NA CONSTRUÇÃO DO MATERNAR.

COM AMOR E APOIO,
AMANDA.

2.1 RETORNO DAS CARTAS

De que forma utilizar relatos pessoais e tão individuais, dentro da realidade vivenciada, dentro das dificuldades partilhadas, sem invadir um espaço? Falar sobre maternidade, mesmo que em um âmbito mais restrito à academia, faz reviver em mães estudantes, experiências vividas, em alguns casos dolorosas, que talvez não seja fácil pensar sobre e compartilhar.

Nas vivências com a maternidade, tenho sentido de maneira pessoal, a falta de uma identidade, da mulher que existia antes de eu ser mãe. Em alguns momentos, me sinto como as mães que escreveram essas cartas, e posso perceber o quanto esses sentimentos se sobrepõem, e as vivências por mais distantes, podem em algum momento se tornarem similares. Laura Gutman (2014), diz que quando nasce um filho, nasce também uma mãe, e que após esse nascimento, a mulher que agora é mãe se distancia demais da mulher que um dia fora.

[...] as mulheres se vêem fora do mundo concreto, mas com a obrigação de continuar funcionando de acordo com as suas regras. São as primeiras a se surpreender ao reconhecer que o espaço de trabalho, das amizades e dos interesses pessoais, que até poucos dias atrás consumiam suas energias, foi transformando em meras recordações abafadas pelo choro do bebê que as chama. Esta realidade as deixa assustadas e acreditando que nunca mais voltarão a ser a mulher maravilhosa, ativa, encantadora, inteligente e elegante que se tornaram com muita dedicação.

(Laura Gutman, 2014, p. 35)

Dentro das realidades de cada mãe relatadas nas cartas, dentre suas realidades e situações, busquei acolher e fundamentar questões para auxiliar a permanência e vivência de estudantes e mães dentro do espaço universitário, mais especificamente no curso de Ciências Biológicas da UFSC. Utilizou-se codinomes de cores para manter sigilo das mães estudantes participantes dessa pesquisa.

CARTA 1 - Rosa

Olá, Amanda!

Me chamo Rosa, sou mãe de um menino chamado Lilás e de um outro bebê em formação dentro do meu ventre. Além de mãe, sou filha, esposa, trabalho em casa e em meu emprego formal e mais recentemente me formei Bióloga pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Descobri a gestação durante a pandemia, quando as aulas estavam pausadas, mas assim que retornaram de modo remoto, decidi me matricular no máximo de matérias possível pois não sabia como seria a minha vida de estudante tendo que cuidar de um bebezinho quando o Lilás nascesse. No semestre em que ele nasceria peguei 10 disciplinas, conversei com os dez professores sobre a minha condição, pedi para adiantarem trabalhos e provas para eu poder ir fazendo com antecedência e entreguei trabalhos até no dia anterior ao nascimento do meu filho. Todos os professores me ajudaram neste período de gestação e após também.

Após uma semana do nascimento retomei a rotina de estudos, fazia os trabalhos nos mais diversos momentos e horários. Era estressante e exaustivo. Muitas vezes eu quis desistir. Meu prazo para a entrega de alguns trabalhos era maior do que o dos meus colegas, mas isso não significava ter mais tempo para realizá-las. Foi difícil, mas eu passei nas dez disciplinas em que eu havia me matriculado.

A amamentação, pra nós foi bem complicada de início. Mesmo que eu tenha me preparado durante a gestação pra quando chegasse esse momento, eu tive bastante dificuldade. E eu fazia questão de amamentar meu filho. Como o Lilás nasceu no decorrer do semestre, na pandemia, as aulas eram remotas. Eu precisava que a amamentação desse certo pra ser menos uma coisa na minha cabeça que já tinha tudo o que a maternidade trouxe de novo e mais as atividades da aula.

Amamentar parece instintivo, mas há uma técnica que nem a mãe de primeira viagem e nem o bebê dominam, e com a falta de experiência nós sofremos um pouco. Ele ficava no peito o tempo todo, ora para se alimentar, ora pra se aconchegar em mim. As horas passavam e ao mesmo tempo que eu me sentia no céu, eu também me sentia presa naquela nova função. Depois de uns dias o leite desceu pra valer, na tal chamada apojadura, e ainda com dificuldade e dor eu passava as madrugadas privadas do sono para ver vídeo de o que fazer para parar a dor, para conseguir a pega correta e contornar aquela incômoda situação. A madrugada era bem solitária, eu amamentava por um longo período, esperava o arreto sair (quando saía) e muitas vezes, na hora de colocar o bebê dormindo no berço ele acordava e começava tudo outra vez. Depois de umas semanas eu fui pegando a prática, o Lilás ainda mamava muito mas sempre ganhou peso como deveria, até mais que o necessário, pra falar a verdade. Digo isto, pois era comum me questionarem o porquê dele mamar tanto, tentando questionar a qualidade do meu leite, chamando-o de fraco ou pra dizerem que ele estava mal acostumado. Fui pegando o jeito, aprendendo as técnicas na prática. Tinha leite suficiente pro Lilás, consegui até doar leite para o BLH do hospital regional de São José.

A maternidade me deu um "gás" para fazer as coisas de um modo mais eficiente e caprichado. Consigo ver claramente como eu melhorei como estudante depois de ter me tornado mãe. Terminar a faculdade representava pra mim o poder de ter mais escolhas, de conseguir abrir mais portas para mim e para a minha família no futuro.

Por muitas vezes eu pensei que não daria conta, afinal, conciliar as dificuldades sentidas por mim durante o puerpério (dores do início da amamentação, entender-se como uma recém-mãe, suportar os palpites das pessoas sobre o meu modo de maternar, cuidar de um recém-nascido, amamentar em livre

demanda, ser privada do sono, me sentir cansada, etc) com rotina de estudos era uma árdua tarefa.

Ter aula remota foi algo que facilitou os meus estudos, uma vez que me possibilitou estar presente nas aulas sem deixar de cumprir com as minhas novas demandas impostas pela maternidade. Claro, devo salientar que sempre pude contar com a minha rede de apoio composta pela minha mãe e irmã mais nova, e também com a parceria do meu marido, que sempre fez o seu papel de maneira exemplar. Sem eles meu puerpério somado a vida acadêmica seria inviável.

CARTA 2 - Púrpura

Oi Amanda. Eu peço desculpas por ter ido adiando, mas é que eu escrevi duas cartas mas não conseguia te enviar. Não é pelo fato em si, mas porque eu não me senti muito à vontade para compartilhar as coisas sabe. É que eu não consigo separar as coisas que eu passei após o nascimento da minha filha, que não seja uma situação muito pessoal, do que o que eu acho que seria pertinente para o seu TCC sabe. Eu tentei focar na parte acadêmica, por exemplo, mas ela não existe rsrs. Eu abandonei o semestre quando a Violeta foi pra UTI, e no semestre seguinte tranquei porque ela desenvolveu uma alergia alimentar e eu tinha que fazer a dieta por ela. Eu realmente só voltei pra ufsc depois de um ano quase, e ainda assim ali eu me sentia meio por fora.

Por exemplo, teve certa vez que conversei com uma professora, e ela foi bem querida falando sobre coisas que eu viesse a precisar, só que não tinha muito o que pudessem fazer ali. Eu não podia levar a Violeta comigo pra aula, por que ela não podia ficar doente, eu não podia deixar ela numa creche, pelo mesmo motivo.

Então nesse começo não houve preocupação com o que pudesse ser ou não ser da graduação, porque eu só tinha uma preocupação, que era a saúde dela que me dava susto todo mês. Mas o que eu poderia citar aqui, que talvez fosse algo que eu senti mais falta, é a universidade ter esse olhar diferenciado para a maternidade das suas alunas. Talvez uma conversa, uma informação. Por exemplo, eu realizei meu pré natal inteiro no posto de saúde, e somente após o nascimento dela eu soube que estudantes poderiam fazer o pré natal no HU. Eu fiquei bem chateada porque o meu pré natal foi bem sucateado. Inclusive, após o nascimento da Violeta, eu consegui que ela fizesse atendimento pediátrico pelo HU, pois ela era uma recém nascida de alto risco mesmo após a vinda para casa. Mas esse

atendimento foi conseguido através de um contato externo. Uma pessoa de fora da UFSC que trabalha na área da saúde conhecia uma pessoa que pudesse fazer um encaixe. Tanto que havia a possibilidade da Violeta fazer o mesmo acompanhamento pediátrico pela UNISUL, pois a residente responsável pelo parto da Violeta também fez essa ponte antes de sairmos de alta da UTI. Eu, sendo estudante da universidade, em nenhum momento cogitei buscar uma ajuda do gênero pela universidade. Agradeço o contato!

CARTA 3 - Marsala

Olá, Amanda!

Sou graduanda em Ciências biológicas (licenciatura noturno). Neste ano de 2023, encontro-me com 36 anos. Faltavam 4 semestres para eu concluir o curso em 2018, quando engravidei. Meu TCC estava encaminhado, havia coletado dados ao longo da graduação. Foram coletas com saídas de campo intensas e muita dedicação.

Minha gravidez não foi programada, e eu não tinha estabilidade financeira. Na verdade, tomei um belo susto, mas decidi a todo momento que ela era a joia rara da minha vida, e segui forte, mesmo sabendo que não teria rede de apoio.

No final da gravidez, primeiro semestre de 2019 eu já não conseguia frequentar as aulas devidamente, pois a barriga estava imensa e era realmente desconfortável ficar 4 horas sentada nas cadeiras desconfortáveis das salas de aula da UFSC. Além disso, havia conseguido vaga como professora de biologia substituta em uma escola do Estado, onde lecionava no período noturno. Aceitei a vaga, pois precisava do salário de licença maternidade para me sustentar.

E se vocês estão se perguntando: cadê o pai da criança? Saibam que como vários homens, ele não recebeu com felicidade a notícia da gravidez, e só foi assumi-la perto do nascimento. Desta forma, eu tive muita dificuldade em continuar a graduação, pois não havia apoio nem do pai da criança. Neste meio tempo, meu orientador mandava alguns e-mails perguntando sobre meu retorno ao TCC, e obviamente a minha resposta era negativa.

Minha filha nasceu em junho de 2019! O puerpério, sem sombra de dúvidas, foi a fase mais intensa e difícil de toda minha vida. E logo no mês de agosto, recebi a notícia que mudaria minha vida: fui convocada para vaga de técnico em análises no HU-UFSC, concurso que prestei lá em 2016 devido a

minha formação nessa área! Bingo, agora posso sustentar minha filha sem depender de ninguém! E cá estamos, fortes e independentes!

Mas, e minha graduação? Preciso terminar. Começou a pandemia, minha vaga é para coleta de exames de sangue. Linha de frente COVID. Medo e desespero. Minha bebê estava com 6 meses, já foi pra creche e eu, como todo profissional da saúde, logo já peguei o COVID. Medo e desespero.

Ao longo da pandemia, consegui apenas concluir 2 matérias on-line. Poxa vida, era minha chance de ter feito quase todas. Mas aquela chuva de PDF e material para estudar, vídeo aulas para assistir, amamentação, hospital, creche, COVID. Não dava tempo. Ainda estava tirando a carteira de motorista, sem chance. O TCC continuava parado.

Fim da pandemia.

Quando a UFSC retomou as aulas, eu me matriculava nas disciplinas, no entanto, nem sempre eu conseguia alguém para ficar com minha filha. Então, desistia no meio do caminho. Levar ela pra UFSC? Nem pensar, você já reparou quantos fraldários existem na UFSC? Sala de amamentação existe? A UFSC não é para mães.

Mande e-mail para meu orientador, marcando reunião para retornar o TCC. Ele disse que ia mandar o link, pois havia reunião com os estudantes do laboratório todo, assim me apresentaria para os alunos que iniciaram agora. Me preparei toda, levei minha filha para a menina que cuidava dela, fiquei ansiosa para a reunião. Cadê o link, cadê o professor? Ele esqueceu, e eu fiquei fora da reunião. Resumindo, esse foi o último semestre que entrei em contato com ele, para me orientar, mas a única resposta de e-mail foi assim: mande um contato pra eu te ligar, eu mandei. Alguém acha que ele ligou? Não. Estou aqui sem orientador, frustrada, querendo começar do zero um outro TCC.

Para terminar, compartilho que o retorno presencial não está sendo fácil. Os professores(as) as vezes não tem alternativas para puérperas, já vi mãe vir para UFSC à noite, no frio, com seus bebês para fazer prova!? Gente, não é possível que um trabalho bem escrito em casa, não substitua essa prova, que se quer a mãe conseguiu fazer até o final!!!! Através da minha experiência, e vendo as de outras mães, o que sinto é falta de flexibilidade, e situações que geram constrangimento para as mães. Tem sido muito difícil para mim terminar a graduação. Finalmente terminei todas as matérias. Agora falta achar um orientador novo e fazer os estágios. Não irei desistir e apesar de eu amar muito minha Universidade, ela não tem espaço para mães.

CARTA 4 - Magenta

Oi, Amanda.

Sobre meu puerpério durante a graduação da UFSC

Já faz dez anos desde que me descobri grávida, logo no início da graduação em Biologia. Meu filho Turquesa nasceu no final do ano, de modo que ao retornar às atividades acadêmicas, ele já tinha mais de 2 meses. Ainda assim, eu me encontrava em um período de adaptação à maternidade e todas as delícias e desafios que vem junto. Como muitas mulheres, me encontrava em um relacionamento disfuncional, em que o pai não fazia sua parte para cuidar do Turquesa e tinha todo o tempo que ele precisava para avançar com sua graduação e estágio, além de ter tempo para fazer as coisas que gostava (ele ficava mais fora de casa do que em casa, pois quase toda noite dava um jeito de sair com os amigos). Do meu lado, tive que pegar pouquíssimas disciplinas para cursar por vez em todos os anos seguintes, para que eu pudesse dar conta de cuidar do meu filho e realizar as disciplinas. Por isso, neste período de puerpério e pós-puerpério me encontrei em meio a muitas turbulências. Eu estava aprendendo a ser mãe sem ter nenhum conhecimento sobre, tinha dúvidas sobre coisas práticas como: dormir com ele ou deixar ele no berço e acordar de meia em meia hora a noite toda? Evito amamentar o tempo todo ou faço amamentação de livre demanda? Fico mais no colo ou acostumo ele a ficar sozinho? Dou bico ou acostumo sem?

Além disso, me sentia solitária pois o pai do meu filho raramente estava em casa, muitas amigas se afastaram por não saberem lidar com uma mãe e um bebê, e meus colegas do curso se encontravam em outro momento da vida, fazendo muitas disciplinas, estágios e tudo mais.

Eu tinha medo de me separar e ficar ainda mais sozinha. Eu tinha visto alguns dos meus sonhos irem por água abaixo.

Por essas coisas e outras mais, me encontrava em um momento de fragilidade, amparada (por sorte) pelos meus pais, que foram presentes nesse momento, ficando com meu filho para que eu pudesse frequentar as aulas e estudar, quando necessário. A falta de estrutura da universidade e a falta de preparo e desconhecimento por parte das pessoas que não são mães e pais para acolher mães e bebês dificulta muito esse momento.

Apesar disso tudo, ter Turquesa na minha vida me deu força e coragem para atravessar os desafios. Minha única certeza foi e é ele. Superar tantos medos e angústias foi um processo para me tornar uma mãe e uma pessoa melhor, mais centrada, segura, lúcida.

2.2 DESAFIOS EM COMUM: MEU RELATO E AS CARTAS

A partir dos relatos anteriores, de mulheres que estão/estiveram na posição de mães-estudantes, incluindo meu relato de experiência como mãe-estudante puérpera, abordarei alguns aspectos desafiadores neste contexto, e posição de ser puérpera, e a relação que isso se dá com o retorno para as atividades acadêmicas na universidade, no ensino remoto, disponibilizado durante a licença-maternidade, e também as dificuldades e demandas ao retorno presencial.

2.2.1 Saúde mental

A demanda de ser mãe não cessa nunca, é uma luta constante de afazeres intermináveis. Cozinhar, alimentar, limpar, garantir as condições de saúde física e emocional, tudo isso é trabalho. Por isso, cada uma dessas tarefas podem ser feitas por diferentes profissionais: cozinheiros, profissionais da limpeza, motoristas, médicos, psicólogos (Lígia Moreiras, 2021, s/p). O trabalho de cuidado de uma criança é visto como obrigação de uma mulher, que ela deva assumir por amor, amor esse que tem-se que dar provas a ninguém. A invisibilidade, desvalorização, excessiva carga horária, julgamentos, sobrecarga e solidão, faz com que diversas mulheres desenvolvam as mais diversas doenças, em função desse trabalho.

Já olhou por esse prisma? Que aquilo que enfrentamos em termos de problemas de saúde pode estar associado ao que vivemos enquanto mães? *“Lígia, quer dizer que a maternidade, por si só, pode nos adoecer?”*. Não. Quero dizer que quando a maternidade é vivida de maneira sobrecarregante, solitária, sem rede de apoio, sem compreensão e alteridade, sim, ela pode nos adoecer.

(Moreiras, Lígia. 2021, s/p).

Laura Gutman (2014, p.36), diz que a chegada de um primeiro filho/a causa grandes mudanças em um mulher, uma perda de identidade semelhante a mudar de país, pois precisa de períodos de grandes adaptações: “embora parir não seja exatamente como mudar de país: é mudar para outro planeta”.

misto de sentimentos, de sentir amor, exaustão, medo, solidão (não no sentido de presença física de pessoas), e diversas vezes me perguntava onde estava? o que eu estava fazendo? E essas questões ainda são pertinentes em alguns momentos.

Relato pessoal - Amanda

Acredito que de todas as experiências vivenciadas e relatadas nesta pesquisa, a minha relação com o puerpério, com a perda de identidade é a mais recente, a vivência com a maternidade e essa necessidade de suprir todas as expectativas, minhas e dos outros. A culpa por não conseguir ser ótima, ideal, excelente em todos os aspectos que se relacionem com a maternidade. Culpa por sair de casa, culpa por voltar exausta, culpa por só ficar em casa e sentir-se exausta ainda assim.

Laura Gutman (2009, p.11), descreve muito pontual e certamente todas as sensações experienciadas por mim, sentidas desde o nascimento até hoje, em que meu filho se encontra com pouco mais de um ano: uma mistura de angústia, alegria, perda de identidade, vontade de desaparecer, cansaço, orgulho, sonho e excitação. Diz ainda que seria maravilhoso se a maternidade se limitasse a colocar em nossos braços o bebê rosado e feliz que sorri a todo tempo, que se mantivesse como nas páginas das revistas onde a gestação é embelezada com o ventre amostra, e se nossa vida seguisse seu curso de uma maneira ainda mais plena do que antes (Laura Gutman, 2014, p. 93). Porém, a realidade invisível de cada uma de nós costuma ser diferente. Cada vivência com a maternidade é única e isso é indiscutível.

Esses dias li no *Instagram*, uma frase que dizia: “ A maternidade só é difícil para boas mães.” E talvez seja mesmo, ou não, talvez a ideologia da construção da sociedade faz com que as mulheres se sobrecarreguem demais, com esse papel “naturalizado” de sentimento materno, como define Valeska Zanello (2018, p. 270).

No dia em que se chega em casa da maternidade, com aquele bebê, que mais parece de porcelana, qualquer grunhido é motivo de alerta, desde que passou pelo parto, a cabeça daquela mulher-mãe vive em constante estado de alerta. Destina toda sua energia aos cuidados com o bebê, “não lhe sobra nada, o pequeno filho consome toda a sua energia”. (Laura Gutman, 2014, p.159). Marsala, carta 3

descreve o puerpério como sem dúvidas como a fase mais intensa e difícil de sua vida.

Come quando e se dá, bem na realidade, comer é segundo plano, por vezes é uma necessidade esquecida. Ir ao banheiro? De que jeito? Segundo Laura Gutman (2014, p. 159), a mãe sente-se esgotada, à beira do abismo, que o bebê além do leite, suga sua alma. Ainda assim a demanda acadêmica relatada na carta de Rosa a fez retornar as atividades uma semana após o nascimento do seu filho:

Após uma semana do nascimento retomei a rotina de estudos, fazia os trabalhos nos mais diversos momentos e horários. Era estressante e exaustivo. Muitas vezes eu quis desistir.

Por muitas vezes eu pensei que não daria conta, afinal, conciliar as dificuldades sentidas por mim durante o puerpério com a rotina de estudos era uma árdua tarefa.

Trechos Carta 1 - Rosa

Além de toda a exaustão física, psicológica, associada à privação de sono, mães ainda lidam com o sentimento de culpa materna, que de maneira pessoal acredito que muito mais influenciado por palpites externos, do que realmente a sensação de incapacidade e/ou falta de cuidados. As críticas vêm em enxurrada, desde comentários sobre a capacidade nutritiva do leite materno até os comentários de que é muito colo, o bebê vai ficar mimado, sem argumentação, sem fundamentos, somente fragilizando ainda mais aquela situação em que a mãe não tem mais forças para argumentar e só aceitar todas essas críticas de forma passiva. Ao dividir os cuidados com o pai, ele é visto como um super herói, enquanto a mãe não faz mais do que sua obrigação.

Em “A filha perdida”, por Elena Ferrante (2005), enquanto a personagem de mãe exausta, perdida em si, sendo sua última prioridade, só queria respirar o mundo que não fosse confinado em casa e em sua maternidade:

Eu sentia os olhares delas procurando me amansar, mas, com mais força, sentia o fulgor da vida fora delas, novas cores, novos corpos, nova inteligência, um idioma a dominar como se fosse meu verdadeiro idioma, e nada, nada que parecesse conciliável com aquele espaço doméstico no

qual ambas me encaravam, à espera. Ah, torná-las invisíveis, não ouvir mais as exigências de sua carne como pedidos mais prementes, mais potentes do que os que vinham da minha. Terminei de descascar a laranja e fui embora. A partir de então, por três anos, não as vi nem ouvi mais.

(Elena Ferrante, 2005, p.76).

Não tão distante deve ser essa sensação de sobrecarga e esgotamento materno, no longa Tully (2018), a mãe também sobrecarregada, em um momento de confusão mental, sente-se em outro corpo, outra pessoa, realizando todas as atividades em um modo tão automático que nem mais conseguia viver, vivendo uma realidade paralela, idealizando uma vida fora da maternidade, em um momento tão esgotante, que sofre alucinações. Tully vai além de uma ideia romantizada, de uma mãe gerenciando sozinha uma família feliz, trata de puerpério e saúde mental.

A saúde mental é predominantemente afetada durante o puerpério e o início da maternidade pela nova realidade que cerca a mãe-estudante. Além de sentir-se deslocada em um novo e hostil ambiente, em que não consegue priorizar-se em momento algum, sente-se a todo tempo fazendo o mínimo necessário para suprir suas necessidades e as do bebê, sentindo-se completamente insuficiente e incapaz, remetendo a todas as sensações descritas por Laura Gutman (2014, p.159), a mesma conclui que a mulher puérpera sente uma sensação de grande desamparo afetivo.

Diante desse compilado de sentimentos e sensações, entre as delícias da maternidade, a exaustão avassaladora do puerpério, em que a puérpera, vivendo imersa nesse período puerperal que não termina quando o obstetra dá alta após a cicatrização, não se trata de uma recuperação do corpo físico depois de gestar e parir, mas é relacionada com a emoção compartilhada entre mãe e bebê. Esse período puerperal é como um rito de passagem que dura pelo menos dois anos, onde mãe e bebê compartilham um campo emocional fusionado (Laura Gutman, 2014, p. 35) (Laura Gutman, 2009, p. 23), o questionamento é: realmente é possível conciliar o período do puerpério com o retorno das atividades acadêmicas, sem qualquer prejuízo?

2.1.2 Amamentação

Os mamíferos são denominados como tal, por possuírem glândula mamária e essas por sua vez, produzem leite que alimentam os filhotes, em todos os grupos de animais mamíferos, isso acontece. A amamentação é animal, é sobrevivência, em alguns casos espontâneo e intuitivo, mas para as fêmeas da espécie *Homo sapiens* muitos são os fatores que influenciam no alimentar o filhote com o leite produzido pelo próprio corpo, amamentar.

De forma geral, uma das maiores dificuldades logo no início do puerpério, é a amamentação, onde diversos fatores podem dificultar essa etapa, como pega incorreta, causando fissuras no mamilo, falta de leite, perda de peso do recém-nascido, ansiedade, irritabilidade, inseguranças, gerando ainda mais insegurança à puérpera.

Mesmo que um bebê tenha boas sonecas e noites de sono tranquilas e regulares, a demanda de afazeres é imensa: alimentar, dar banho, trocar as fraldas, ninar até pegar no sono, colocar para arrotar, mesmo que o bebê esteja dormindo, quanto uma puérpera consegue dormir? Qual a qualidade do descanso que essa mulher consegue ter? Algumas das tarefas a rede de apoio pode muito auxiliar, exceto alimentar, se o bebê estiver em amamentação exclusiva, para que a mãe consiga descansar, alimentar-se, tomar um banho longo e demorado, sentir-se acolhida e amparada, para que seja para o seu bebê acolhimento e amparo, também.

Em minha experiência pessoal, essa adaptação com a amamentação foi um processo rápido, mas também bastante doloroso, com uma série de afazeres para tornar o processo mais natural e fluido possível, como tirar leite com a bombinha e pegar sol nas fissuras. Com auxílio de profissionais e também da rede de apoio, tratando como prioridade o bem estar meu e do meu bebê, com o intuito de mantê-lo saudável nesse período, vencemos esta etapa.

Em outro relato, não tão distante do meu, as dificuldades enfrentadas foram semelhantes, para Rosa, como uma mãe de primeira viagem, o processo foi bastante dificultoso pela falta de habilidade, e devido a pandemia, a disponibilidade de tempo para manter-se corpo a corpo, aquele contato íntimo mãe-bebê fez-se possível para ter êxito na amamentação, além de auxílio e apoio de seu companheiro, mesmo relatando que as madrugadas eram solitárias.

Cândida Primo *et al.* (2015, p. 428), diz que para as mulheres que vivem o processo de amamentação a presença de familiares é muito importante, fazendo-a

sentir-se mais segura e confiante, dessa forma sendo associado a uma taxa de maior sucesso quando ao aleitamento materno exclusivo, por um período mais prolongado.

Assim como em outros aspectos relacionados a maternidade, que muito tem-se de escutar palpites e opiniões, em grandes casos sem fundamentação, Rosa relata também que pelo tempo em que Lilás sugava o peito e ela disponha seu tempo para a amamentação, ouvia comentários de que seu leite era insuficiente e não forte o suficiente para nutrir seu bebê. Com estímulos e posicionamento, Rosa teve produção suficiente para doar leite para um banco de leite materno. A maternidade desafia muitas mulheres-mães a se empoderarem, para que exista autonomia e respeito.

Para Laura Gutman (2009, p.17), na primeira infância o ato de alimentar está diretamente conectado aos atos afetivos, nessa díade mãe-bebê, pois se não sentirem amor, as mães não estarão em condições de alimentarem os filhos, e também a medida que o alimentam, o amor cresce. Ela defende ainda que essa primeira experiência de alimentação e abrigo, se estabelece e influi de maneira significativa na construção do indivíduo. Para que a amamentação seja efetiva, muito necessita-se de condições para que ocorra, toda mãe consegue alimentar seu filhote, em situações onde são amparadas, acolhidas, incentivadas e podem dedicar tempo e saúde mental para as dificuldades desse período.

Laura Gutman (2009, p. 19), diz que a “lactância é fundamentalmente contato, conexão, braços, silêncio, intimidade, amor, doçura, repouso, permanência, sonho, noite, solidão, fantasia, sensibilidade, olfato, corpo e intuição”. A ideia da mãe ideal é muito distante da fluidez da lactância, onde é necessário encaixotar várias medidas e calcular se o bebê está se alimentando o suficiente ou não, mas sim, depende do contato físico entre a mãe e o bebê.

A idealização da mãe que “deve ser” e das receitas pediátricas, é muito distante da lactância, que falha quando a colocamos dentro de parâmetros, quando calcula-se, pesa-se, preocupa-se com o tempo que o bebê mamou ou deixou de mamar, não se trata de pensar no que e no quanto ele come, trata-se de estar junto, “a insistência para que as mães se afastem do corpo do bebê inibe a naturalidade da lactância e dificulta a fluidez do leite” (Laura Gutman, 2009, p.20).

A lactância pode ser comparada a um rio, que quando se conecta com a mulher selvagem, interiorizada dentro de cada mãe, quando se compreende que a

psicologia feminina possui um profundo vínculo com a Terra, a lactância flui. As mulheres são como rios, vulcões e florestas, só é preciso preservar o vínculo. (Laura Gutman, 2009, p.20-21).

Dar de mamar aos nossos bebês é uma atitude ecológica no sentido mais amplo. É voltar a ser o que somos. É a nossa salvação. É um ponto de partida e de encontro com nós mesmas. É despojar-nos da cultura e envolver-nos na natureza. É levar nossas crianças a um mundo de cores, ritmos, cheiros, aromas, sangue e fogo, e dançar com elas a dança da vida.

(Laura Gutman, 2009, p. 21)

A Organização Mundial de Saúde (2000) recomenda que a amamentação seja exclusiva até o sexto mês de vida e complementada no mínimo até os dois anos. Em 1986, o percentual de crianças brasileiras amamentadas exclusivamente com leite materno era de 3%, em 2008 de 41%, e atualmente de 46%, o aleitamento materno é a forma de proteção mais econômica e eficaz contra a mortalidade infantil, segundo o Ministério da Saúde⁹.

Diversos fatores influem diretamente nas taxas de amamentação exclusiva até o sexto mês, analisando o âmbito acadêmico abordado, o qual segue o Regulamento da Resolução 17/CUn/97 abordado no Art. 75, onde diz que: “Serão merecedores de *tratamento especial em regime domiciliar*: I - a aluna gestante, a partir do 8º mês de gestação e durante 4 meses, desde que comprovado por atestado médico competente.”. Mesmo se a gestante entrar em licença maternidade somente no dia do parto, terá direito assegurado por lei, 120 dias de afastamento presencial de suas atividades. Para completar os seis meses de aleitamento materno exclusivo, a mãe deverá realizar coleta e armazenamento de leite materno.

Para auxiliar com informações sobre coleta e armazenamento, a UFSC conta com o apoio de um Serviço de Apoio à Amamentação (SAAM), oferecendo suporte para que a lactante tenha conhecimento a fim de ter mais oportunidades para a manutenção do aleitamento materno exclusivo, mesmo após o retorno ao fim da licença maternidade.

Em um estudo realizado com trabalhadoras celetistas de Florianópolis (Isadora Soares, 2022), na amostragem apresentada, mostrou-se que houve um

⁹ BRASIL. Ministério da Saúde. SAÚDE DA CRIANÇA: Nutrição Infantil: Aleitamento Materno e Alimentação Complementar. Caderno de Atenção Básica, nº 23. Brasília, 2009.

impacto negativo em 46% quanto a relação do retorno ao trabalho e a amamentação exclusiva, mesmo que o período de licença maternidade tenha sido estendido a em média 150 dias, com prorrogação das férias.

As dificuldades quanto à extração, armazenamento, transporte do leite materno que o mantenha em boas condições são diversas e exigem tempo e uma rede de apoio e recursos onde o processo poderá tornar-se viável.

Não somente para o bebê a amamentação traz benefícios, segundo Muniz (2010, p.14) a amamentação, o ato de amamentar, estreita a relação mãe-bebê, de modo que desde o parto, acarreta uma série de benefícios, dentre eles, os hormonais, onde a ocitocina liberada para a produção de leite auxilia a contração uterina, evitando hemorragias. (UNICEF, 2007)¹⁰.

De acordo com Muniz (2010, p.15), as despesas da família aumentam com a chegada de um bebê e a amamentação exclusiva, sem inserção de outros componentes, pode ser um redutor de despesas.

É sabido da importância da amamentação para o desenvolvimento do bebê e também para a saúde da mulher. Principalmente na adaptação de pega e sucção do bebê, como na demanda de produção de leite, que ambos processos se desenvolvem por contato, treinamento, que necessitam de disponibilidade de tempo para esse, para estudar sobre e executar passo a passo, como cita Rosa, na carta que sentia dores quando o leite desceu e dispunha das madrugadas para ver vídeos de como lidar com a situação.

Além de todas as demandas do bebê, do repouso físico, das adaptações com amamentação e demais desafios, a mãe-estudante que esteja em regime domiciliar tem prazos a cumprir e atividades para entregar, em um âmbito de vínculo empregatício a licença maternidade é destinada para que a mãe mantenha cuidados com o bebê e somente, esse direito não é garantido no âmbito acadêmico, onde a estudante-mãe necessariamente precisa cumprir requisitos solicitados, para que não haja prejuízo acadêmico.

Após 4 meses de licença, de acordo com a legislação vigente, a estudante deve retornar ao regime presencial, mesmo que haja uma recomendação da Organização Mundial de Saúde para manutenção de aleitamento exclusivo até o

¹⁰ UNICEF-Fundo das Nações Unidas para a Infância. BRASIL. Ministério da Saúde. UNICEF. Secretaria de Atenção à Saúde. Promovendo o aleitamento materno. 2º ed. Brasília, 2007.

sexto mês de vida do bebê, se pode afirmar então que a legislação em vigor não acompanha as recomendações da OMS.

2.2.3 Rede de apoio

Valeska Zanello (2018, p.270), define que a construção do sentimento materno é entendida como natural, pois “refere-se a um borramento ideológico entre a capacidade de procriar (ter um útero), com a capacidade de cuidar, naturalizando essa última”.

Em uma das cartas, expostas no capítulo dois, evidencia-se a relação da mulher-mãe como cuidadora exclusiva, onde a demanda e os cuidados acabam por sobrecarregá-la, onde não sobra espaço para esse papel de mulher-mãe-estudante, enquanto o homem, é naturalizado que pode abster-se desse cuidado, desse apoio, por não ter parido, no sentido literal. A mãe de Turquesa relata as dificuldades de um relacionamento onde o pai ausentou-se dessa atenção e conseguiu dar andamento a sua formação, enquanto a da mãe ficou bastante defasada.

Como muitas mulheres, me encontrava em um relacionamento disfuncional, em que o pai não fazia sua parte para cuidar do Turquesa e tinha todo o tempo que ele precisava para avançar com sua graduação e estágio, além de ter tempo para fazer as coisas que gostava (ele ficava mais fora de casa do que em casa, pois quase toda noite dava um jeito de sair com os amigos). Do meu lado, tive que pegar pouquíssimas disciplinas para cursar por vez em todos os anos seguintes, para que eu pudesse dar conta de cuidar do meu filho e realizar as disciplinas. Por isso, neste período de puerpério e pós-puerpério me encontrei em meio a muitas turbulências.

Magenta, carta 4

Em muitas situações, a falta de responsabilidade paterna, além de ausente, é mesclada com relacionamentos abusivos, que às vezes iniciam desde a gestação, quando a mesma não é planejada. Em duas das cartas retornadas, a ausência da rede de apoio por parte paterna foi fortemente sentida pelas mães. Em um dos casos, a ausência iniciou-se desde a notícia da gravidez, para a mãe-autora da carta 3 Marsala: “como vários homens, ele não recebeu com felicidade a notícia da

gravidez, e só foi assumi-la perto do nascimento. Desta forma, eu tive muita dificuldade em continuar a graduação, pois não havia apoio nem do pai da criança.”

No segundo caso, o pai deu seguimento a sua vida acadêmica, priorizando além de sua formação, as festas e bares com os amigos, causando na mãe recém parida uma série de inseguranças. A mãe de Turquesa, na carta 4, relata que “tinha medo de me separar e ficar ainda mais sozinha. Eu tinha visto alguns dos meus sonhos irem por água abaixo.”

Na série MAID¹¹ (2021), é abordado um relacionamento onde o companheiro e pai do bebê apoiou a mãe até o momento em que pensou que ela faria um aborto, e logo quando ela foi contrária a essa opção, a insultou e expulsou de casa. Sem ter muitas opções, a mulher-mãe submeteu-se a uma relação abusiva psicologicamente, por necessidade financeira e dependência emocional. A personagem vivencia diversas dificuldades para ter acesso à alimentação, moradia e estudo, com vários auxílios do governo e sem rede de apoio direta.

Como abordado anteriormente, desde a amamentação, a presença de uma rede de apoio já se faz fundamentalmente importante, seja para encorajamento e incentivo no início da amamentação, seja para continuar a amamentação exclusiva a partir de 120 dias quando a mulher-mãe precisa voltar às suas atividades laborais. Em uma circunstância em que a mãe-estudante deve se deslocar a uma instituição de ensino e permanecer nesse local, geralmente por algumas horas, faz-se necessário que tenha uma pessoa de confiança para cuidar do bebê, não necessariamente sendo esse cuidador o pai, mas que se faz necessário pessoas disponíveis em tempo, atenção e confiança e também em alguns casos, dinheiro para terceirizar esse cuidado.

Lígia Moreiras (2019, s/p), diz que a boa mãe é aquela que consegue cuidar de si, ter tempo de qualidade para tomar banho, consegue comer, respirar e tem tempo de antecipar seus impulsos agressivos, não grita, não age por impulso, não está sempre no limite do estresse. Por que? Porque as pessoas ao seu redor se responsabilizam igualmente pelos cuidados com a família, com a casa.

Quando uma mulher é deixada sozinha, a culpa – pelo cansaço, pelo desequilíbrio, pela má alimentação, pelas olheiras, pelo grito que por

¹¹ A trama da série foi inspirada na história de vida de Stephanie Land, autora do livro de memórias *Maid: Hard Work, Low Pay, and a Mother's Will to Survive*, no qual baseia-se a obra.

ventura é dado, por tudo aquilo pelo qual ela é julgada – é de todos ao redor.

(Lígia Moreiras, 2019, s/p).

Nas cartas e em meu relato pessoal, observa-se em comum essa dificuldade de cuidado com o bebê, seja para realizar as atividades acadêmicas quanto para deslocar-se até a instituição e fazer-se presente (por vezes, só fisicamente) em compromissos inadiáveis.

No quadro abaixo, podemos observar, a partir das cartas analisadas, que para a continuidade dos estudos na graduação, fez-se necessário o apoio de outras pessoas nos cuidados com o bebê.

Quadro 1 - Rede de apoio presente

Rosa	“... sempre pude contar com a minha rede de apoio composta pela minha mãe e irmã mais nova...”
Marsala	“...leveei minha filha para a menina que cuidava dela...”
Magenta	“...amparada (por sorte) pelos meus pais, que foram presentes nesse momento, ficando com meu filho para que eu pudesse frequentar as aulas e estudar, quando necessário...”
Amanda	“...ele ficava com as tias do Matheus e minha mãe, em uma força tarefa entre deixar ele sempre ocupado e ficar trocando de colo...”

Fonte: Elaborado pela autora a partir de cartas e relatos.

Em meu relato pessoal, eu trouxe a experiência de uma prova presencial, quando recém o Pedro havia completado 4 meses e se fazia necessário o retorno

presencial às atividades acadêmicas. Na prova em questão, como relatado anteriormente, a prova ficou inacabada devido a choros incessantes. Conforme ele foi crescendo, ele ficava aos cuidados de tias e da avó, quando eu precisava fazer alguma coisa presencialmente.

Foi possível o retorno total às atividades presenciais, no semestre 2023.1, revezando horários com o pai. Mas ainda assim, da mesma forma como relatado na carta de Rosa, foi possível pois, o pai exercia seu papel de forma exemplar, como destacou a autora.

A exaustão psicológica, física, um desgaste emocional, e ainda lidar com julgamentos de pessoas externas a essa rede de apoio, que defendem que a cuidadora quase que exclusiva da criança seja a mãe. As marcas de uma sociedade machista e misógina fixou a mulher como esse papel de cuidadora, dócil e dona do lar. (Thaís Saalfeld, 2019, p.78).

Elena Ferrante (2005) em “A filha perdida” discorre sobre a falta de identidade pessoal da personagem após tornar-se mãe, e o quanto ao longo dos cuidados com suas filhas, essa ideia de não priorizar a si foi fazendo-a tornar-se outra mulher, sem expectativas quanto a si mesma. Correlaciona-se essa ficção os(as) autores(as) citados(as) acima, que as necessidades dessa mulher-mãe sempre está por último na lista de prioridades. Valeska Zanello (2018, p. 270), diz que mesmo que não tenha filhos, uma mulher será demandada a ser cuidadora, sendo atribuído à ela os afazeres domésticos e cuidados da casa, dentro dessa criação com valores e formação patriarcal.

Em contrapartida,

Nós mulheres conquistamos as ruas. A era industrial e a entrada no século XX nos abriram portas para entrar no mundo do trabalho, às universidades, às profissões, ao dinheiro, à política, aos esportes e ao pensamento independente.

(Laura Gutman. 2009, p. 76)

Quando uma mulher-mãe se dedica ao lar, aos cuidados dos filhos, a sociedade a enxerga como quem não faz nada, a sobrecarga de dar conta de tudo, de todos os cuidados, é justificado pelo amor: “O trabalho de cuidado de uma

criança é visto como obrigação de uma mulher, como despesa dela, que ela deve assumir por amor”. (Lígia Moreiras, 2021, s/p).

Muitos são os motivos pelos quais as mães-estudantes, autoras das cartas, lutam pela conclusão da graduação, em alguns casos até já concluíram. Um lugar de visibilidade na sociedade, melhores oportunidades de escolhas, por exemplo, para Rosa, na carta 1, concluir sua graduação abriria portas de escolhas para seu futuro e de sua família.

Para que seja possível dedicar tempo às demandas acadêmicas, se faz obrigatoriamente necessário terceirizar os cuidados com o bebê, não sendo possível dedicar tempo e realizar estudos acadêmicos com qualidade, sendo inviável sem uma rede de apoio, ou mesmo uma pessoa contratada para realizar esse trabalho.

Apesar de ser de responsabilidade da prefeitura, as vagas em creches são escassas, e a possibilidade de creche em turno integral, é quase inexistente, em muitos dos casos, as mães precisam levar seus filhos para a universidade.

Em 2018, o coletivo MãEstudantes com o apoio dos Centros de Ensino e professores, encaminhou à Reitoria uma proposta de projeto para criação de um espaço de contraturno, destinado a acolher as crianças, filhas e filhos das mãe-estudantes da UFSC, no período em que suas mães estivessem em aula (Vanessa Silva, 2023, p. 58). Até o momento o projeto não se concretizou. Ainda assim, esse projeto contempla as estudantes do turno diurno, não contemplando a permanência de mães-estudantes no turno noturno.

2.2.4 Vulnerabilidade social

A vulnerabilidade social dos estudantes é um fator determinante para o aproveitamento das oportunidades e para a qualidade de vida que possuem.

É papel da universidade pública disponibilizar subsídios adequados às suas necessidades, não limitando-se à assistência estudantil, mas também relacionados à infraestrutura da universidade.

(Thaís Saalfeld, 2019, p.39).

A Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), é uma instituição executiva central da Administração Superior da Universidade Federal de Santa Catarina, criada com as funções de implementar e gerenciar programas e projetos voltados à política estudantil. Abrangendo os programas assistenciais da universidade. Os programas assistenciais oferecidos pela UFSC são: auxílio creche, auxílio moradia, auxílio internet, bolsa estudantil, bolsa permanência, PAIQ (Programa de Assistência Estudantil para Estudantes Indígenas e Quilombolas), Moradia Estudantil, Isenção no RU (Restaurante Universitário), PAAI (Isenção de Idiomas) e PISAE (Isenção de Atividades Esportivas).

O auxílio creche é o único auxílio que contempla exclusivamente estudantes com filhos, o número de auxílios varia entre 15 a 20 bolsas por semestre. No último edital publicado Nº 05/2023/PRAE de 17 DE FEVEREIRO DE 2023, o número de bolsas oferecidas foi de 15 bolsas, divididas em dois ciclos, o auxílio creche contempla crianças até 5 anos, 11 meses e 29 dias.

De forma geral, os editais não consideram a maternidade, e as relações de estudantes com filhos, a fim de manter mães-estudantes dentro da universidade. Poucos são os meios de informação que noticiam e veiculem sobre permanência desses estudantes, havendo bastante descentralização do assunto.

Na carta 2, escrita por Púrpura, percebemos que a mesma teve uma maternagem dificultada por motivos de saúde de sua bebê desde o nascimento, permanecendo por longos períodos na UTI. Púrpura diz que soube, somente depois do nascimento de sua filha, que poderia ter feito o pré natal no HU (Hospital Universitário), que sentiu falta por parte da Universidade de um suporte, uma conversa, uma visibilidade para a estudante-mãe, talvez uma rede de acolhimento, para dar continuidade no processo formativo, quando gestante e mãe.

Dentre os programas assistenciais oferecidos, o programa de Moradia Estudantil não contempla mães-estudantes, pois não oferece vagas para que as crianças acompanhem suas mães. Vanessa Silva (2023, p.39), diz que pessoas com filhos não podem solicitar o benefício, e caso engravide, a estudante será convidada a se retirar.

A assistência social da PRAE não permite que estudantes com filhos acessem as vagas, por não poderem ser responsabilizados caso aconteça algum acidente com a(s) criança(s). Quanto aos demais auxílios, estudantes com filhos podem concorrer a vaga e podem ser cumulativos, a depender dos documentos

comprobatórios exigidos. Estudantes com cadastro socioeconômico aprovado, poderão cadastrar seus filhos até 12 anos, com custo de refeição isenta, sendo permitido que façam refeições de almoço e jantar. (Restaurante Universitário, UFSC).

Nas cartas retornadas, não abordou-se questões de assistência estudantil, mas de toda forma, de acordo com minha vivência pessoal, e como estudante beneficiária do Programa Bolsa Estudantil, muitas são as dúvidas acerca do que consta na RESOLUÇÃO NORMATIVA Nº 32/CUn, DE 27 DE AGOSTO DE 2013.

E nesse meio tempo tive que lidar com a matéria que estava cursando, não havia a possibilidade de trancar a faculdade, por ser bolsista PRAE isso não é uma coisa que estava em cogitação, inclusive adiei o TCC e tive que justificar para não perder a bolsa, porque estava com a carga horário menor do que a mínima, como se por si só, um bebê de 4 meses não fosse suficiente.

Relato pessoal - Amanda

No artigo 7º diz que para o estudante se candidatar ao Programa de Bolsa Estudantil UFSC, o estudante deve estar cursando a carga mínima semanal do período letivo estabelecido pelo projeto pedagógico do curso. No Curso de Ciências Biológicas, as cargas horárias mínimas semanais são de 18 e 14 horas semanais, no curso diurno e noturno, respectivamente.

No artigo 13º, quanto a renovação do vínculo com o Programa de Bolsa Estudantil, consta que o estudante deverá obrigatoriamente ter 75% de frequência em cada uma das disciplinas cursadas nos dois semestres anteriores à renovação da bolsa, aprovação em pelo menos 50% das disciplinas ou dos créditos cursados também nos dois semestres anteriores à renovação, e também não apresentar trancamento nos últimos dois semestres. Algumas situações a respeito dos artigos citados acima, podem influenciar diretamente a permanência de uma mãe-estudante na universidade, que obrigatoriamente precisam cumprir 18 horas semanais, 14 horas semanais, que são as horas obrigatórias a serem cumpridas semanalmente no currículo de graduação da Biologia, no turno diurno e noturno, presenciais fisicamente na universidade.

Muitos são os fatores que interferem essa permanência, tais como: deslocamento, rede de apoio que se responsabilize pelo cuidado com o bebê, bem

como saúde mental, para retornar logo após 120 dias que o período que abrange a licença maternidade, onde faz-se por direito que a estudante possa continuar a graduação em regime domiciliar. (Resolução Nº 17/CUn/97, artigo 75). Destacando-se que o regime domiciliar não isenta e/ou prolonga prazos de atividades acadêmicas, permite apenas que as atividades sejam realizadas de forma remota, ficando a cargo de cada docente a metodologia de avaliação e atividades a ser solicitada durante o regime domiciliar.

O artigo 15º trata de afastamentos sem a perda de auxílio, porém em condições bem específicas para participar de atividades de programas de intercâmbio, de mobilidade acadêmica e de estágios curriculares obrigatórios no território nacional, devidamente comprovadas pelas coordenações dos cursos. Em casos de intercâmbios internacionais a manutenção da bolsa será analisada, para que seja efetivada sua validação.

Como trazido no relato pessoal, por um semestre, o que me manteve matriculada em disciplinas foi a possível perda da Bolsa Estudantil, e ainda assim, por cursar carga horária menor do que as 14 horas semanais estabelecidas, fui questionada a respeito disso, para manutenção da Bolsa, por haver oferta de disciplinas anuais que ainda estavam para serem cursadas. O fato de cursar menos do que a carga horária não afetaria o tempo de conclusão do curso, dessa forma, foi mantida a Bolsa, mas em momento algum, foi questionado sobre a necessidade de trancamento devido a demanda da maternidade atrelado ao final de um curso de graduação, em que se faz necessário cursar disciplinas que necessitam de grande disponibilidade de tempo, como no caso da disciplina de Estágio Obrigatório em Ciências e Biologia (MEN7009, MEN7010, respectivamente), do Curso de Ciências Biológicas Noturno.

A Resolução Normativa trata em um Parágrafo único, que casos especiais serão analisados por uma Comissão Paritária composta por 50% (cinquenta por cento) de representantes dos estudantes indicados pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE) e 50% (cinquenta por cento) da Administração Central indicados pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) e pela Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD). Analisando o contexto, ainda como pressuposto pessoal, antes da maternidade, já se fazia necessário o benefício da Bolsa Estudantil, para conseguir permanecer na Universidade, caso devido às demandas da maternidade fosse necessário trancar o curso, acarretando a perda da Bolsa Estudantil, o retorno seria

ainda mais difícil, além da vulnerabilidade financeira, também pela condição de estudante-mãe.

Os filhos acabam por tornar a trajetória acadêmica ainda mais difícil para as mulheres. As crianças não são o problema, o problema está onde a sociedade brasileira repousa seus mais “nobres anseios” de manter e aprofundar as desigualdades sociais.

(Vanessa Silva. 2023, p. 50).

Segundo Vanessa Silva (2023, p.50), levar as crianças para a universidade, pode ser um indicativo de vulnerabilidade, pois muitas são as dificuldades enfrentadas por essas mulheres-mães, além de todas as construções sociais da sociedade brasileira. As mulheres que se tornam mães na universidade ou chegam nela exercendo sua maternidade, encontram um caminho com maiores desafios se comparado aos seus colegas sem filhos, na trajetória acadêmica, sendo evidente a falta de empatia dos professores, a dificuldade de oportunidades e processos acadêmicos, como podemos ver na carta de Marsala:

Mandei e-mail para meu orientador, marcando reunião para retornar o TCC. Ele disse que ia mandar o link, pois havia reunião com os estudantes do laboratório todo, assim me apresentaria para os alunos que iniciaram agora. Me preparei toda, levei minha filha para a menina que cuidava dela, fiquei ansiosa para a reunião. Cadê o link, cadê o professor? Ele esqueceu, e eu fiquei fora da reunião. Resumindo, esse foi o último semestre que entrei em contato com ele, para me orientar, mas a única resposta de e-mail foi assim: mande um contato pra eu te ligar, eu mandei. Alguém acha que ele ligou? Não. Estou aqui sem orientador, frustrada, querendo começar do zero um outro TCC.

Carta 3 - Marsala

2.2.5 Manutenção de vínculo com a UFSC

A saúde (entende-se por saúde física e mental) da mulher pode ser bastante afetada durante e depois da gestação. Para muitas mulheres, ser gestante é cansativo, os eventos que acompanham a gestação são por vezes, muito difíceis de

lidar, enjoos, indisposição, exaustão extrema, e os hormônios oscilando como nunca antes. Durante toda a gestação são várias as mudanças anatômicas e fisiológicas, causando várias sensações no corpo da mulher. As mudanças provocadas pela gestação, ocorrem ao longo das 40 semanas, em média, ocorrem diversas alterações hormonais, físicas, onde “até calçar um sapato se torna um desafio”, (Vanessa Silva, 2023, p.46).

No final da gravidez, primeiro semestre de 2019 eu já não conseguia frequentar as aulas devidamente, pois a barriga estava imensa e era realmente desconfortável ficar 4 horas sentada nas cadeiras desconfortáveis das salas de aula da UFSC.

Carta 4- Marsala

Após o parto, no período puerperal, que teoricamente se inicia com a expulsão da placenta e termina com a primeira ovulação, podendo durar de 40 a 60 dias, essa fase logo após o parto é chamada de puerpério, mais precisamente pode-se denominar puerpério fisiológico, essa etapa em que todos os órgãos retornaram para seus respectivos lugares. Porém considerando o puerpério, toda essa fase adaptativa, dessa nova realidade, de afazeres, o bebê que não está mais no ventre, e sim nos braços. Junto com todas as novas adaptações físicas, a oscilação hormonal, que tende a normalizar, é necessário que essa mulher-mãe consiga se restabelecer e também tenha condições de cuidar do seu bebê.

As primeiras semanas com o bebê tendem a ser muito difíceis. Para a puérpera a sensibilidade é muito intensa, falta de segurança, tristeza, que é ocasionado pelas mudanças hormonais e também por toda a preocupação de cuidados com o bebê. Nesse período, a medida que for possível, é importante que não haja sobrecarga, cobranças demais, tentativas em ser a mãe perfeita, e saber pedir ajuda quando fazer-se necessário, se for possível, e em casos extremos, onde realmente a saúde psíquica estiver sendo afetada, buscar auxílio de um profissional da saúde.

Sabe-se que os dias de liberação de licença maternidade, contam 120 dias, ou seja, em média 4 meses, independente do contexto, seja para voltar ao trabalho ou para a faculdade. Esse é o tempo de liberação remunerada de afastamento e o período que a mãe-estudante tem direito por lei, ao regime domiciliar, como consta

na seção II da RESOLUÇÃO nº 017/CUn/97, no artigo 75¹², que a aluna gestante a partir do 8º mês de gestação e durante 4 meses, comprovado por atestado médico, ainda assim durante a licença, a estudante deve cumprir prazos, entregar atividades e pode ou não realizar avaliações de prova remota, de acordo com as exigências de cada docente.

Por muitas vezes eu pensei que não daria conta, afinal, conciliar as dificuldades sentidas por mim durante o puerpério (dores do início da amamentação, entender-se como uma recém-mãe, suportar os palpites das pessoas sobre o meu modo de maternar, cuidar de um recém-nascido, amamentar em livre demanda, ser privada do sono, me sentir cansada, etc) com rotina de estudos era uma árdua tarefa.

Carta 1 - Rosa

Sendo assim, a estudante-mãe vai adaptando o tempo de cuidados com o bebê com a execução das atividades acadêmicas, de acordo com a demanda de disciplinas solicitadas no semestre em que estiver de licença maternidade.

De acordo com a RESOLUÇÃO nº 017/CUn/97, no artigo 74 o aluno, que por motivo de força maior não conseguir realizar as avaliações previstas no plano de ensino, poderá solicitar provisoriamente a menção I, e concluir a disciplina em outro momento.

Para Rosa, por já estar em regime domiciliar, devido a medidas relacionadas à pandemia por COVID-19, ela relata que por estar nesse tipo de regime antes do nascimento de seu filho, se matriculou no máximo de disciplinas possíveis, a fim de validar o que fosse possível até o prazo de nascimento. Ela ainda relata que logo após o nascimento retornou às atividades acadêmicas:

Após uma semana do nascimento retomei a rotina de estudos, fazia os trabalhos nos mais diversos momentos e horários. Era estressante e exaustivo. Muitas vezes eu quis desistir. Meu prazo para a entrega de alguns trabalhos era maior do que o dos meus colegas, mas isso não significava ter mais tempo para realizá-las.

Carta 1 - Rosa

¹² Resolução disponível no repositório da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/188631/RESOLUCAO_n-017_cun_97_atualizada.pdf

Ao fim da licença maternidade, a estudante deve retornar presencialmente às aulas. Estudantes que optaram por retomar as atividades presenciais, precisam adaptar suas necessidades com as atividades obrigatórias, podendo em algumas instituições levar o bebê para a sala de aula. Nos casos de Rosa e Marsala esse período de regime domiciliar foi estendido devido às restrições provenientes da pandemia. Por tratar-se de um período de pandemia, em que além de as atividades acadêmicas serem mantidas em ensino remoto, muitas pessoas trabalhavam de home office. Dessa forma, a rede de apoio, quando presente, auxiliou Rosa nos cuidados com seu bebê para que a mesma conseguisse dedicar tempo às realizações de suas atividades.

Como o Lilás nasceu no decorrer do semestre, na pandemia, as aulas eram remotas. Eu precisava que a amamentação desse certo pra ser menos uma coisa na minha cabeça que já tinha tudo o que a maternidade trouxe de novo e mais as atividades da aula.

Carta 1- Rosa

Ao contrário de Rosa, Marsala não pôde contar com uma rede de apoio, seja na pandemia ou no período de licença maternidade. A experiência do ensino remoto foi bem diferente para as duas, e quando Marsala, durante a pandemia resolveu retomar a graduação, não conseguiu ter um bom desempenho, como relata:

Ao longo da pandemia, consegui apenas concluir 2 matérias on-line. Poxa vida, era minha chance de ter feito quase todas. Mas aquela chuva de PDF e material para estudar, vídeo aulas para assistir, amamentação, hospital, creche, COVID. Não dava tempo.

Carta 4 - Marsala

Rosa relata ainda que ter aula remota facilitou os seus estudos, pois pode estar presente nas aulas sem se preocupar com as demandas da maternidade, e ela também que teve auxílio de sua rede de apoio:

Devo salientar que sempre pude contar com a minha rede de apoio composta pela minha mãe e irmã mais nova, e também com a parceria do

meu marido, que sempre fez o seu papel de maneira exemplar. Sem eles meu puerpério somado a vida acadêmica seria inviável.

Carta 1 - Rosa

A diferença contrastante na experiência de cada uma dessas mães-estudantes relaciona-se a diversos fatores de vulnerabilidade. Mas ainda assim conseguiram retomar a graduação, sem grandes impedimentos, cada qual no seu tempo e de acordo com suas demandas e necessidades. Em condições letivas normais, o regime domiciliar encerra ao fim da licença maternidade, quando o bebê completa em torno de 4 meses. Logo, esse é o tempo que a mãe-estudante tem disponível para buscar soluções para conseguir retornar presencialmente para a universidade.

Fiz a primeira, e só ouvia o choro alto, desesperado dele, saí e amamentei, voltei pra prova, e ele começou outra vez, pedi licença e fui embora, chorando de culpa, por tudo, por ter tido que largar ele pra fazer a prova, por ter deixado a prova inacabada.

Relato pessoal - Amanda

Em muitas situações, os 4 meses de licença não é tempo suficiente para a estudante-mãe se adequar à nova realidade e retornar presencialmente a demanda acadêmica. Por exemplo, eu não pude solicitar o trancamento de matrícula, devido aos requisitos de manutenção da Bolsa Estudantil, onde o benefício é cancelado em casos de trancamentos. Dessa forma, é necessário que busquemos recursos para conseguirmos dar continuidade a formação acadêmica, tendo em vista, em casos específicos, a obrigatoriedade de vínculo acadêmico.

O relato pessoal e as três das cartas analisadas contam com vivências de mães-estudantes que lideram com maternidades típicas, com bebês saudáveis, onde puderam viver o puerpério e a licença maternidade, em suas casas, com suas escolhas e também dificuldades ao longo do processo de retorno acadêmico. Ao contrário de Púrpura, que precisou abandonar o semestre e trancar a graduação por um tempo, devido a necessidades de saúde de sua filha, Violeta. Quando fala do período da graduação no nascimento de sua filha e quando a mesma precisou de internação hospitalar, o descreve como inexistente.

Eu não podia levar a Violeta comigo pra aula, por que ela não podia ficar doente, eu não podia deixar ela numa creche, pelo mesmo motivo. Então nesse começo não houve preocupação com o que pudesse ser ou não ser da graduação, porque eu só tinha uma preocupação, que era a saúde dela que me dava susto todo mês.

Carta 2 - Púrpura

Não se pode afirmar que todas as mães-estudantes terão impedimentos de vulnerabilidade social, não sendo possível realizar o trancamento de matrícula. Silva (2023, p.56), diz que quase metade dos acessos de mães à UFSC se deu por meio de ações afirmativas, porém essa afirmação está vinculada ao ingresso já em condição de mãe, podendo dessa forma a maternidade tê-la posto nessa condição de vulnerabilidade social, diante de todos os desafios que requerem a maternidade.

De todo modo, podemos afirmar que estudantes podem vir a se tornarem mães durante a graduação e essas serem beneficiárias de ações afirmativas oferecidas pela instituição, que em casos específicos, como trancamento de matrícula, possa inviabilizar a continuidade desse benefício. Em linhas gerais, uma estudante que engravida durante a graduação sendo beneficiária de Bolsa Estudantil para manter-se na faculdade, necessita trancar a graduação após o nascimento do bebê, estando sujeita a perder a Bolsa. Quais as chances de que essa estudante-mãe consiga retornar ao ambiente acadêmico sem a Bolsa e agora sendo mãe?

Durante a pandemia por COVID 19, a UFSC dispôs a RESOLUÇÃO NORMATIVA Nº 140/2020/CUn, DE 21 DE JULHO DE 2020¹³ sobre o redimensionamento de atividades acadêmicas, suspensas em função do isolamento social vinculado à pandemia. No artigo 16, § 4º trata de uma disciplina a ser criada para que alunos que não estejam cursando nenhuma matéria consigam manter o vínculo de matrícula estudantil com a UFSC, tratando-se posteriormente da disciplina ZZD 2020¹⁴, que foi disponibilizada até o retorno acadêmico de maneira presencial, dia 18 de abril de 2020, conforme calendário acadêmico.

Poderia haver então a implementação de uma disciplina onde mães-estudantes, que necessitem de afastamento prolongado além do tempo da

¹³ Disponível em: https://coronavirus.paginas.ufsc.br/files/2020/08/Resolu%C3%A7%C3%A3o_Normativa_n%C2%BA_140.2020.CUn_retificada.pdf

¹⁴ ZZD 2020, substitui o código GRA0001 (disciplina de afastamento durante a pandemia por COVID-19).

licença, ou mesmo durante a licença, queiram abster-se das responsabilidades acadêmicas, para dedicarem-se a maternidade e as demandas pessoais requeridas pelas suas atuais condições, seja pela saúde mental, física, ou quaisquer outras questões que possa acarretar essa necessidade.

Seria um passo importante a criação de uma disciplina que contemplasse esse afastamento, assim como durante a pandemia, onde pudesse ser feito a matrícula em uma disciplina para que a estudante mantivesse o vínculo com a Universidade, dessa forma, sendo mantido benefícios como a Bolsa Estudantil, como reivindicado pelo Coletivo MãEstudantes:



Figura 2 - Post Instagram.

Fonte: página do Instagram do Coletivo MãEstudantes.

Muitos fatores podem influenciar nesse percurso, assim como durante a pandemia, que muitos estudantes optaram pela utilização da disciplina acima referida, poderia ser uma alternativa interessante para mães-estudantes, beneficiárias de programas assistenciais para que consigam retornar com saúde e ter êxito em sua formação.

Estou vivenciando esse "regime domiciliar"
é horrível, me sinto muito sobrecarregada, meu
nenê hoje com um mês e 25 dias e tenho mil
trabalhos já para entregar, inclusive deixei um
para trás hoje pois preferi perder um ponto do
que desgastar mais ainda a minha saúde
mental. Estamos juntas!

7 curtidas Responder Ver tradução

A questão é que bolsista Prae perde a
bolsa estudantil...eu dependo dela pra
viver e pra conseguir permanecer na
universidade.

2 curtidas Responder Ver tradução

FIGURA 3 - Relato de estudante-mãe¹⁵

Fonte: página do Instagram do Coletivo MãEstudantes.

2.3 Visibilidade da cientista mãe

O *Parent in Science*¹⁶ é um movimento que surgiu com o intuito de discutir a parentalidade dentro da ciência brasileira, de que forma os filhos impactam a carreira científica de mulheres e homens. O grupo é formado por cientistas mães e pais que buscam trazer visibilidade sobre a questão parental no meio científico, levantando diversas discussões sobre maternidade e carreira.

Segundo o *Parent in Science*, existe um efeito tesoura para as mulheres na ciência brasileira, conforme se avança na carreira científica no Brasil, que para Fernanda Staniscuaski (2018) a maternidade é um fator determinante, pois não há políticas para diminuir o impacto da visibilidade do decaimento da produtividade acadêmica até em média o quarto ano de nascimento do primeiro filho, reduzindo drasticamente as oportunidades para as mães-cientistas. (Carolina Assis e Aline Boueri, 2018).

O impacto causado pela parentalidade não é o mesmo para homens e mulheres, como afirma a pesquisadora e historiadora econômica norte-americana

¹⁵ Comentários da publicação no Instagram do Coletivo MãEstudantes sobre a manutenção do vínculo com a Universidade.

¹⁶ Site *Parent in Science*, disponível em: <https://www.parentinscience.com/>

Claudia Goldin, ganhadora do prêmio Nobel¹⁷ de Economia, não sendo uma característica específica da academia, mas de todos os ambientes de trabalho, sendo consequências apenas na carreira profissional de mulheres, esses impactos não abrangem os homens.

Dessa forma, tornou-se necessário considerar os períodos de licença-maternidade na avaliação do currículo de cientistas mães. A campanha *#maternidadenolattes*¹⁸ gerou uma visibilidade que a partir de 2019, algumas universidades passaram a incluir em editais de programas de pós-graduação, o período de licença-maternidade. (Pâmela Carpes *et al.*, 2022, p.2).

De acordo com a construção social de que o cuidado com os filhos é majoritariamente das mães, de acordo com o IBGE (2022), as mulheres são responsáveis pela maior parte das tarefas domésticas, dedicando o dobro do tempo semanal que os homens dedicam para essa finalidade. Essa demanda de tempo reduz a disponibilidade para as mulheres-mães dedicarem-se aos trabalhos acadêmicos-científicos que:

Ultrapassa o tempo de trabalho regular, demandando horas extras para escrita e revisão de artigos, leituras e estudos, orientação de estudantes etc. - horas que, muitas vezes, não estão disponíveis na rotina das mulheres que conciliam esse trabalho com o cuidado da casa e dos filhos.

(Pâmela Carpes *et al.*, 2022, p.2)

O movimento *Parent in Science*, construiu um guia¹⁹ de ações que podem ser implementadas nas instituições de ensino, apoiando a permanência de mães-estudantes e também um guia²⁰ de como apoiar as mães na ciência. Argumenta-se que a falta de políticas de apoio impõe barreiras para acesso e permanência de mães no ensino superior.

¹⁷ Notícia sobre Premiação de Claudia Goldin. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2023/10/5132570-claudia-goldin-recebe-nobel-por-estudos-sobre-desigualdade-de-genero-no-trabalho.html>

¹⁸ Campanha do Parent in Science, que buscava sinalizar o período de licença-maternidade no currículo Lattes. Incluído em 2021.

¹⁹ Como as instituições podem apoiar as MÃES estudantes. Disponível em: https://www.parentinscience.com/_files/ugd/0b341b_12c9844be3614fad90e35c65f7aa7e4f.pdf

²⁰ Como instituições podem apoiar as MÃES na ciência. Disponível em: https://www.parentinscience.com/_files/ugd/0b341b_06b90b8b2e374dd09f98e6b06e28c384.pdf

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Coincidentemente escrevo a conclusão dessa pesquisa, em um momento que pra mim é o maior desafio da maternidade, dar conta de demandas externas à ela, enquanto o filho está doente. Pessoas que não são mães não tem a ideia de quão exausto fica o corpo de uma mãe quando o filho está adoecido. Um filho doente requer mais atenção por parte da mãe, por ser aconchego, calor, cuidado, o corpo que ele já conhecia mesmo antes de conhecer o espaço-mundo.

Agora, no fim da graduação, percebo realidades que antes não me causavam tantos incômodos. O quanto às vezes é difícil manter aqueles 75% de presença obrigatórios, o quanto é difícil trocar a fralda de um bebê quando não se tem um espaço privativo e um fraldário no banheiro, o quanto é difícil cumprir prazos e entregar relatórios, trabalhos, estudar para provas, quando a privação de sono é comum em todas as noites, quando a exaustão psicológica é a única coisa que parece existir quando se tem que sentar, acalmar a mente e ler alguma coisa, que mais parece um embaralhado de palavras aleatórias, quando se está tão cansada para compreender uma frase, armazenar leite. Muitas foram as crises de ansiedade, inclusive até algumas de pânico, quando a preocupação ficava latente na cabeça e mesmo assim era necessário se ausentar por, no mínimo, 5 horas.

Agora no fim da graduação, com um bebê de 1 ano e 4 meses, enxergo mais dificuldades do que facilidades no percurso acadêmico, só o fato de conseguir me deslocar de casa até a UFSC, por vezes, já é um desafio.

Hoje também recebi as avaliações dos meus alunos de estágio (meus primeiros alunos, da profissão que por ora, pretendo seguir). Enquanto lia os comentários deles, elogiando, sugerindo melhorias, colocando em palavras o que

aprenderam, expectativas, me peguei pensando em um frase da minha orientadora que dizia mais ou menos o seguinte: "queria te dizer pra dar um tempo, aproveitar a maternidade, que por mais que seja comum se esquecer durante o processo, é importante relembrar de si, e o Pedro precisa da Amanda com sua profissão, com sua independência , com seus estudos, ele precisa da mãe feliz, mesmo que isso custe um pouquinho para ambos."

*Vendo esse trajeto, me sinto feliz, sinto que estou perto de concluir uma etapa importante do meu caminho, como estudante, mãe, pesquisadora, bióloga, professora. Mas por muito tempo, depois que me tornei mãe, me senti insuficiente. Achei por alguns momentos que meus sonhos tinham ido por água abaixo, que a gravidez e a chegada do meu filho poderia mudar muitos caminhos, e mudaram. Me aproximar de pessoas que passaram por situações similares, me faz ver oportunidades. A maternidade me fez mais humana, altruísta, solícita, brava, justa. Lutar pelo direito de permanência de mães-estudantes dentro da Universidade e poder aprender com todas as pessoas que se engajam por essa causa, tem sido um dos meus maiores aprendizados, pessoais e acadêmicos."*²¹

A maternidade não pode ser um obstáculo na trajetória acadêmica de mães-estudantes dentro da Universidade, tenham essas mães planejado serem mães ou não. É de extrema importância e relevância que mulheres-mães consigam concluir a formação superior, analisado pelo aspecto socioeconômico, possibilitando melhores escolhas, melhores remunerações, oportunidades para que consigam melhores condições de emprego, com mais qualidade de vida para elas mesmas e seus descendentes.

Além de todas alterações físicas e fisiológicas decorrentes no corpo de uma mulher gestante, muitas alterações ocorrem durante o período puerperal, onde a depressão pós-parto é um termo bastante comum para explicar a desestabilidade da

²¹ Desabafo de bloco de notas - acervo pessoal.

saúde mental da mulher-mãe nesse período, as oscilações hormonais, a demanda de cuidados com o recém-nascido. Que opções a UFSC oferece para essa mulher-mãe, assegurando que tenha um período de pausa nas atividades a fim de adequar-se a essa realidade? Um termo, uma declaração, sem que tenha que depender do quão humano a pessoa professora será com aquela situação? Qual regra se aplica a isso?

Durante a pandemia, foi disponibilizada uma disciplina, onde o discente não cursava nenhum crédito, tinha a finalidade de manter o vínculo acadêmico, sob a justificativa de que a saúde física, bem como a saúde mental poderia estar vulnerável diante da situação pandêmica enfrentada. E para as acadêmicas-mães? Mesmo com diversos estudos acerca dos agravos na saúde da mulher-mãe, dos benefícios do êxito da dedicação exclusiva à amamentação. Sendo extremamente válido, e plausível de argumentação, a Universidade não disponibiliza essa manutenção do vínculo acadêmico para mulheres nessa situação. A maternidade e o puerpério não são motivos para justificar um afastamento temporário da demanda acadêmica?

A manutenção desse vínculo acadêmico por um período pré-determinado, auxiliaria mães que por diversas condições não conseguem dar conta das demandas maternas e acadêmicas, o que é bastante desafiador, ainda quando a rede de apoio é ausente ou reduzida. Quando a estudante necessita de recursos financeiros que auxiliam ao longo da jornada acadêmica, oferecidos por programas estudantis, mas caso solicite o trancamento para priorizar naquele momento sua saúde mental, tem esse benefício cancelado. A validação do abalo causado pela maternidade na saúde mental não existe? Quais as chances de retorno da estudante que necessitar realizar esse trancamento, sem o auxílio estudantil?

Pai não é rede de apoio, não ajuda, não cuida do filho para a mãe, pai divide as obrigações, têm as mesmas responsabilidades que uma mãe, porém é sabido a realidade de ausência paterna, segundo dados da Arpen²², até setembro, o ano de 2023, tem um percentual de 6,8% das 2.055.852 nascidas sem o nome do pai no registro de nascimento. Essa realidade é vivenciada por muitas mães, quando o mesmo deveria estar presente, como relatado em algumas cartas, infelizmente o

²² **ARPEN BRASIL**. Central de Informações do Registro Civil - CRC Nacional. TRANSPARÊNCIA - Pais ausentes. Acesso em 17 de outubro de 2023. Disponível em: <https://transparencia.registrocivil.org.br/painel-registral/pais-ausentes>>

abandono paterno é uma realidade. Tendo ciência disso, quais alternativas são oferecidas pela Universidade em apoio a mulheres-mães-estudantes, quando as mesmas estão responsabilizadas por toda a demanda materna e por vezes provedoras do sustento do lar e isso torna-se um obstáculo quando se faz necessário a presença do filho dentro do ambiente universitário.

Muitas são as demandas solicitadas e pontuadas, pelo Coletivo MãEstudantes, pelo *Parent in Science*, pelas estudantes contribuidoras dessa pesquisa. Entende-se que a oferta de um contraturno para as crianças filhas e filhos de mães-estudantes envolve demasiados processos e trâmites que podem ser estendidos por vários anos à frente. Mas existem recursos funcionais que podem acolher mães-estudantes com seus filhos dentro do ambiente acadêmico, possibilitando a permanência quando a única alternativa é levar o filho para a universidade: implementação de fraldários, uma sala destinada à alimentação com micro-ondas, uma poltrona confortável para que seja feita a amamentação, um espaço onde as mães possam distrair por um momento seus filhos, quando os mesmo se sentirem entediados dentro da sala de aula, em todos os Centro de Ensino da universidade. Soluções pontuais, sem demandas de grandes recursos, que seriam grandes facilitadores na vivência de uma mãe-estudante a fim de mantê-la dando continuidade a sua formação acadêmica.

Acho válido contextualizar sobre as situações acadêmicas que se encontram as mães-estudantes participantes desse estudo. Felizmente conseguiram dar continuidade na graduação ou trancaram por um período a fim de retornarem em breve. Vale ressaltar ainda que aqui se encontra um recorte dentre a diversidade de mães-estudantes da UFSC, em seus mais diferentes contextos sociais e cursos, e que muitas mães ainda diante de todas as dificuldades de permanência na Universidade, não tem êxito nesse retorno acadêmico após a maternidade, se faz pertinente pensar a respeito disso: quantas estudantes não retornam para o meio acadêmico após se tornarem mães?

Dessa forma, é de extrema relevância que mulheres-mães-estudantes lutem por políticas de permanência, que façam com que seja possível a trajetória acadêmica e a conclusão de suas formações.

REFERÊNCIAS

ARPEN BRASIL. Central de Informações do Registro Civil - CRC Nacional. **TRANSPARÊNCIA** - Pais ausentes. Acesso em 17 de outubro de 2023. Disponível em: <https://transparencia.registrocivil.org.br/painel-registral/pais-ausentes>>

BALLOUSSIER, Anna Virginia. **TALVEZ ELA NÃO PRECISE DE MIM**: diários de uma mãe em quarentena. 1.ed. São Paulo: Todavia, 2020.

BARROS, Lua. **Eu não nasci mãe**: Podemos desaprender a ser aquilo que imaginávamos como perfeito para encontrar a maternidade possível. Vida simples. 2021. Disponível em: <https://vidasimples.co/vida-social/eu-nao-nasci-mae/>. Acesso em: 11 de maio de 2023.

BARROS, L.P. & Kastrup, V. Cartografar é acompanhar processos. In: Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

BARZANO, Marco Antonio Leandro. **Cartas autobiográficas de formação e profissão: experiências de um professor-pesquisador- extensionista de Educação Ambiental**, 2020. Quaestio, Sorocaba, SP, v. 2, p.375-390, maio/ago. 2020

BRASIL. Ministério da Saúde. **SAÚDE DA CRIANÇA**: Nutrição Infantil Aleitamento Materno e Alimentação Complementar. Caderno de Atenção Básica, nº 23. Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. **UNICEF**. Secretaria de Atenção à Saúde. Promovendo o aleitamento materno. 2º ed. Brasília, 2007.

BUENO, Karina de Castro Vaz Nogueira. **A importância do aleitamento materno exclusivo até os seis meses de idade para a promoção da saúde da mãe e do bebê**. Trabalho de conclusão de curso (curso de especialização em atenção básica à saúde da família) - Universidade Federal de Minas Gerais/NESCON. Minas Gerais, p.28. 2013.

CARNEIRO, Raquel. A história real que inspirou a série 'Criada', da Netflix. **VEJA**, 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/e-tudo-historia/a-historia-real-que-inspirou-a-serie-criada-da-netflix>. Acesso em: 01 de outubro de 2023.

CARPES, P. B. M. et al.. Parentalidade e carreira científica: o impacto não é o mesmo para todos. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 31, n. 2, p. e2022354, 2022.

DE ASSIS, C.; BOUERI, A.G. Sem considerar a maternidade, a ciência brasileira ainda penaliza mulheres. **Revista Gênero e Número**, 2018.

FERRANTE, Elena. **A filha perdida**. 1 edição. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

FLORIANÓPOLIS, SC. EDITAL Nº 05/2023. **PRAE**. [PROGRAMAS DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL NO ÂMBITO DA UFSC]. UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina, 17 de fevereiro, 2023.

FLORIANÓPOLIS, SC. **Resolução Normativa Nº 17/97/CUn**. [Regulamento dos cursos de Graduação]. Sessão II. Art. 75. Do tratamento Especial em Regime Domiciliar. UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina, 30 de setembro, 1997.

FLORIANÓPOLIS, SC. **Resolução Nº 32/CUn**. Portaria nº 389, decreto nº 7234/2010. [Bolsa Estudantil]. UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina, 27 de agosto, 2013.

FLORIANÓPOLIS, SC. **Resolução Normativa Nº 140/2020/CUn**. UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina, 21 de julho, 2020.

FLORIANÓPOLIS, SC. **Resolução Normativa Nº 157/2021/CUn**. [CALENDÁRIO ACADÊMICO 2022]. UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina, 12 de novembro, 2021.

GOMES, Marília Antunes. **Cartas sobre a docência em ciências e biologia em tempos de confinamento**. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 47. 2020.

GUEDES, Vanessa. Desejos do meu útero: a ocupação do meu corpo e a ideia da maternidade. **Segredos em órbita**. 2022. Disponível em: <https://vanessaguedes.substack.com/p/desejos-do-meu-utero>. Acesso em: 11 de maio de 2023.

GUTMAN, Laura. **A maternidade e o encontro com a própria sombra**. 22.ed. Rio de Janeiro: Best-seller, 2014.

GUTMAN, Laura. **Mulheres visíveis, mães invisíveis**. 1 edição. Rio de Janeiro: BestSeller, 2009.

HESSEL, Rosana. Claudia Goldin recebe Nobel por estudos sobre desigualdade de gênero no trabalho. **CORREIO BRAZILIENSE**, 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2023/10/5132570-claudia-goldin-recebe-nobel-por-estudos-sobre-desigualdade-de-genero-no-trabalho.html>. Acesso em: 24 de outubro de 2023.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) COVID-19: microdados [Internet]. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2020.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Escócia. Cartografar é traçar um plano comum. *Fractal: Revista de Psicologia*, v.25, n.2, p. 263-280, maio 2013.

MOREIRAS, Lígia. A boa mãe. **Cientista que virou mãe**. 2019. Disponível em: <https://cientistaqueviroumae.com.br/a-boa-mae-3/>. Acesso em: 21 de setembro de 2023.

MOREIRAS, Lígia. Depressão, ansiedade, doenças autoimunes: quanto disso é doença ocupacional da maternidade. **Cientista que virou mãe**. 2021. Disponível em: <https://cientistaqueviroumae.com.br/depressao-ansiedade-doencas-ocupacionais-maternidade/>. Acesso em: 11 de maio de 2023.

MUNIZ, Daniel Marden. **Benefícios do aleitamento materno para puérpera e neonato: a atuação de equipe de saúde da família**. Trabalho de conclusão de curso (especialização em atenção básica em saúde família) - Universidade Federal de Minas Gerais. Formiga, p. 10-16. 2010.

PRIMO, Cândida Caniçali; DUTRA, Pamela Rodrigues; LIMA, Eliane de Fátima; ALVARENGA, Santa Cristina de; LEITE, Franciele Maraboti Costa. Redes sociais que apoiam a mulher durante a amamentação. **Cogitare Enfermagem**. Universidade Federal do Paraná. p.426-433. 2015 Abr/Jun.

ROMAGNOLI, RC. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia & Sociedade**, v. 2, pág. 166–173, maio de 2009

SAALFEDL, Thaís. **Maternidade e vida acadêmica: Limites e desafios das estudantes mães da Universidade Federal de Rio Grande - FURG**. Dissertação de pós-graduação em educação em ciências (mestre em Educação em Ciências) - Universidade Federal de Rio Grande. Rio Grande, p.114. 2019.

SILVA, Vanessa Suany da. **Coletivo MãEstudantes/UFSC: articulações, política de permanência materna e institucionalização de demandas**. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p.68. 2023.

SOARES, Isadora de Souza. **Percepção de trabalhadoras celetistas acerca do impacto do término da licença-maternidade na continuidade do aleitamento materno exclusivo**. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p.68. 2022.

PARENT IN SCIENCE. Como instituições podem apoiar as MÃES estudantes. Disponível em:

https://www.parentinscience.com/_files/ugd/0b341b_12c9844be3614fad90e35c65f7aa7e4f.pdf. Acesso em: 24 de outubro de 2023.

PARENT IN SCIENCE. Como instituições podem apoiar as MÃES na ciência. Disponível em:

https://www.parentinscience.com/_files/ugd/0b341b_06b90b8b2e374dd09f98e6b06e28c384.pdf. Acesso em: 24 de outubro de 2023.

PARENT IN SCIENCE. Mulheres e maternidade no ensino superior no brasil. Disponível em: https://www.parentinscience.com/_files/ugd/0b341b_6ac0cc4d05734b56b460c9770cc071fc.pdf. Acesso em: 14 de setembro de 2023.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gêneros e dispositivos:** Cultura e processo de subjetivação. 1 edição. Curitiba: Appris editora, 2018. p. 269-279.

Filmografia

MAID. Direção: John Wells, Helen Shaver, Nzingha Stewart, Lila Neugebauer & Quyen Tran. Produção: Colin McKenna, Terri Murphy & Bonnie Benwick. Estados Unidos: John Wells Productions, LuckyChap Entertainment, Warner Bros. Television, 2021. Netflix.

O COMEÇO DA VIDA. Direção: Estela Renner. Produção: Marcos Nisti, Luana Lobo e Estela Renner. Brasil: Flow, 2016. Netflix.

TULLY. Direção: Jason Reitman. Produção: Anne Sundberg & Hilary Birmingham. Estados Unidos: Focus features, 2018. Amazon Prime video.

ZERO. Christopher Kezelos. Produção: Zealous Creative. Austrália, 2010.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Termo de Consentimento Livre e esclarecido

Participantes



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Termo de Consentimento Livre e esclarecido — Comunidade escolar (mães-estudantes participantes)

Estou sendo convidada pela estudante de biologia e pesquisadora responsável Amanda Carlsem Vidal a participar de uma pesquisa denominada Puerpério: as dificuldades do retorno acadêmico, cujo objetivo principal é analisar as dificuldades das mães-estudantes no contexto acadêmico durante o período de puerpério e também ao retorno das atividades presenciais.

O processo busca com o auxílio de cartas obter relatos reais das dificuldades vivências por estudantes da biologia da Universidade Federal de Santa Catarina, relacionado a motivos pessoais, estruturas dos espaços, compreensão dos professores e vulnerabilidade social.

A minha participação se dará permitindo a seleção de e/ou inserção das cartas na pesquisa realizadas durante as disciplinas de TCC I e TCC II.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada e serão utilizados nomes fictícios, evitando a minha identificação.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são: Amanda Carlsem Vidal, estudante de ciências biológicas, pesquisadora responsável, brasileira, solteira, portadora do RG—, SSP SC e Alessandra Collaço da Silva, orientadora do TCC – Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Ciências Biológicas-licenciatura, pesquisadora doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, linha de pesquisa Educação e Comunicação. Com a estudante poderei manter contato pelo telefone —.

Estou ciente de que não receberei remuneração e não terei qualquer despesa em razão de minha participação.

Manifesto minha concordância em participar da pesquisa, permitindo que os fragmentos das cartas e/ou as cartas escritas sejam compartilhados nas análises da autora.

Florianópolis, 26 de abril de 2023.

Assinatura do/a participante da pesquisa